



Espiritualidade e Política

Curso orientado por

Emma Ocaña

Tradução: Maria Torres

Caderno 29

Rodízio - 15 e 16 de Maio 2016

Fundação Betânia

PARA UMA ESPIRITUALIDADE POLÍTICA

Curso orientado por Emma Martinez Ocaña

Tradução: Maria Torres

1. Clarificação conceptual: espiritualidade, política
2. Vivemos um mundo em “emergência global”¹
3. Conceito, urgência e exigências de uma **espiritualidade política**
4. **O pessoal é político. A inevitável transformação pessoal.**
5. Uma espiritualidade política como caminho para colaborar em “dar à luz” uma sociedade alternativa, um mundo novo. (Rom 8, 18).
 - ◆ Uma sociedade que desperta para uma nova **consciência planetária** que torne autêntica a Unidade que Somos
 - ◆ Uma civilização que reconheça, de facto, e respeite **os direitos** das pessoas, dos animais e da terra
 - ◆ Uma cultura do **cuidado**
6. **Jesus de Nazaré**: um homem que viveu uma autêntica espiritualidade política.

¹ Amplo desenvolvimento do tema em MARTINEZ OCAÑA, E., *Espiritualidad para un mundo en emergencia* (2014), Madrid, Narcea.

1. CLARIFICAÇÃO CONCEPTUAL: ESPIRITUALIDADE, POLITICA

Antes de mais, penso que é conveniente clarificar os dois termos de que partimos: espiritualidade e política.

Por diversas razões, talvez estejamos perante dois termos desprestigiados, desgastados, e manipulados pelo uso incorrecto que deles se fez.

Durante muito tempo quiseram separar a espiritualidade e a política, como duas realidades diametralmente opostas e/ou irreconciliáveis. Neste curso, pretendemos, mostrar, pelo contrário, a profunda relação entre ambas as realidades.

A espiritualidade e a política são duas realidades fundamentais da vida. Tal foi recentemente expresso por Ken Wilber: “No âmbito do interpessoal, no reino de como tu e eu nos relacionamos com o outro como seres sociais, não há áreas mais importantes do que as da espiritualidade e da política”²

O que entendo por espiritualidade³

A palavra espiritualidade é um termo polissémico. Mas, sobretudo, é um termo que chegou ao nosso momento histórico contaminado, desgastado, empobrecido.

Contaminado pelo dualismo e patriarcalismo dominante *na nossa cultura ocidental, desgastado e empobrecido ao ser reduzido à religião* e, dentro dela, à oração, sacramentos, celebrações... Por tudo isto, é uma palavra que, em muitos casos, provoca rejeição, alheamento e desconfiança ou remete para algo supérfluo, passado e caduco.⁴

Torna-se, então, imprescindível *recodificá-la*, antes de a relacionar com o termo política.

Espiritualidade, na sua acepção semântica, procede de “**espírito**”, palavra que nos chegou depois de um longo caminho. Partindo da tradição judaico-cristã, encontramos desde o termo hebraico feminino “*la ruaj*”, o sopro de vida, passado pela sua tradução grega “*o pneuma*”, traduzido como termo neutro), até à sua tradução latina “*spiritus*” (masculina) que é como nos chegou a nós.⁵

² Wilber, K. *Espiritualidade e política para o século XXI*, (54-60), Cervantes, C., (editor), *Espiritualidad y política* (2011) Kairós.

³ MARTINEZ OCAÑA, E., *Espiritualidad para un mundo en emergencia*, (2014), Madrid, Narcea, 17-22.

⁴ Desenvolvi este tema com certa amplitude em MARTINEZ OCAÑA, E. (2009), *Cuerpo espiritual*, Madrid, Ed. Narcea, (1965).

⁵ Cf MARTINEZ LOZANO, E., (2012) *Vida en Plenitud. Apuntes para una espiritualidade transreligiosa*, Madrid, Ed. PPC, (7-12; 25-35).

No entanto, estas traduções têm algo importante de comum entre elas: a referência ao princípio vital, ao sopro da vida, ao que está na origem de tudo o que existe. O “**espírito**” é o que alimenta a realidade.

Pedro Casaldáliga escreve que *o espírito de uma pessoa é o mais fundo do seu próprio ser, as suas motivações últimas, o seu ideal, a sua utopia, a sua paixão, a mística por que vive e luta e com a qual contagia os outros*⁶. A sua espiritualidade será a dimensão da sua própria humanidade. Ou, nas palavras de Jon Sobrino, *Espiritualidade é o espírito, o carácter com que se afronta o real, a história que vivemos em toda a sua complexidade*⁷. Segundo esta afirmação, uma pessoa poderia dizer-nos “diz-me como te situas perante a realidade e dir-te-ei qual é a tua espiritualidade”.

Complementando esta definição, Leonarde Boff no seu livro *La voz del arco iris*, diz-nos que *na sua acepção original, espírito (de onde deriva espiritualidade), sopro, é uma qualidade de todo o ser vivo que respira (ser humano, animal, planta). Neste sentido, “espiritualidade é a atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de paralisação e morte*⁸

Cristóbal Cervantes publicou há alguns anos um livro cujo título é *Espiritualidad y Política*⁹

Com este excelente elenco de autores e uma outra autora, desenvolveremos o tema. Na sua introdução, Cervantes, define a espiritualidade *como experiência de sentir que fazemos parte de algo maior e mais profundo que nós mesmos, algo que nos liga a tudo e a todos, que nos leva a ver todos os seres humanos como irmãos e ao planeta como a casa comum que temos de cuidar*. Curiosamente, esta definição inclui “a arte de viver” (espiritualidade) e “a arte de conviver” (política). Somos unidade, todas e todos somos irmãos – esta é a grande mudança, a consciência planetária.¹⁰

Estas releituras do termo espiritualidade, relacionando-a com a política, associam-na às **chamadas espiritualidades de libertação, espiritualidades de resistência** como protesto activo face a tantas realidades de opressão¹¹. *Espiritualidades da libertação* que se estenderam por todos os continentes. Já nos anos 70 tinham surgido na América Latina, salientando a *causalidade* entre pobreza e riqueza, colocando os pobres e os indígenas sem terra no centro

⁶ CASALDÁLIA, P. – Vigil, J.M. (1993), *Espiritualidad de la liberación*, San Salvador, UCA, p.23: A mesma acepção se encontra em GALILEA, S. (1985), *El camino de la espiritualidade*, Bogotá, Ed. Paulinas, p.26.

⁷ Sobrino, J., op.cit. P.450.

⁸ Boff, L. (2003) *La voz del arco iris*, Madrid, Ed. Trotta, p. 123.

⁹ Cervantes, C., (ed) (2015) *Espiritualidad y política*, Kairós.

¹⁰ Ibidem.5.

¹¹ Uma boa síntese pode ser encontrada em AA.VV. *Teologias del tercer mundo*, Cátedra Chaminada, Madrid, S.M.2008.

da libertação procurada. Eles próprios se fizeram protagonistas das suas lutas na conquista da sua dignidade.

Noutros continentes, como o africano, surgiram movimentos na mesma direcção. Os negros despertaram para a consciência da sua discriminação racial e, muito rapidamente, nasceram outros colectivos discriminados e oprimidos que se puseram de pé. **Espiritualidades centradas na defesa dos direitos humanos**: emigrantes, pessoas em situação de risco, defesa dos direitos de todas as pessoas: negras, amarelas, homossexuais, transexuais... todas com espiritualidades críticas e de protesto, de compromisso com a defesa da vida onde esta se torna vulnerável ou não é adequadamente protegida. Foram-se também configurando as espiritualidades feministas, ecofeministas¹² que salientaram a opressão secular das mulheres e a sua relação com a destruição da Terra.

Dentro deste espírito de protesto político, embora não sejam designados como “movimento de espiritualidade”, creio que podemos incluir os “**indignados**”¹³, não só em Espanha e há uns anos em França, mas, neste momento, no mundo inteiro. Estes, de maneiras muito diversas e de muitos espaços geográficos, sociais e ideológicos ... disseram: *Basta ya!* (Chega!) ao sistema económico neoliberal vigente. *Basta ya!* a uma democracia não participativa, à violação dos direitos humanos, à manipulação da informação, à corrupção em muitos níveis de vida. A este grito outro se uniu: *Sim, podemos*: E isto era acompanhado de propostas e conquistas sociais importantes, como por exemplo, a suspensão de despejos injustos e mobilização para a cidadania cada vez mais consciente do seu poder como sociedade civil.

Todos estes **movimentos críticos ou espirituais de libertação** nos ajudaram primeiro a abrir os olhos, a sentir a dor dos afectados como sendo nossa e, portanto, a tornar nossas estas causas e, partindo desta experiência, podemos entender muito bem a profunda relação entre espiritualidade e política.

¹² Uma apresentação global pode ser encontrada em AA.VV. *Feminismo es... y será*, Jornadas Feministas, Córdoba, 2000, (2001), Publicações Universidad de Córdoba; ARRIAGA FLÓRES, MERCEDES, NAVARRO Puerto, Mercedes (Eds) em *Teología Feminista I* (2007), *Teología Feminista II* (2008), EFETA (Escuela de Teología de Andalucía), Ed. ArCibel.

¹³ COLECTIVO NOVECIENTO, (2012) *Lo llamaban democracia. De la crisis económica a lo cuestionamiento de un régimen político*, Icaria; CRUELLS, Marta, - IBARRA, Pedro, (2013), *La democracia del futuro. Del 15 M a la emergencia de una sociedad civil viva*, Barcelona, Icaria; FERNÁNDEZ, J., SEVILLA, C. Y URBÁN, M. (eds).

(2012). *Ocupemos el mundo!: Occupy the world! Barcelona, Madrid, Atenas, Túnez, El Cairo, Lisboa, Islandia, Oakland, Wall Street, Londres, Moscú, Tel Aviv*; Calle, Ángel. *La Transición Inaplazable. Los nuevos sujetos políticos para salir de la crisis*, Barcelona, Icaria. ARTAL, Rosa María. (2011). *La energía liberada: el estallido social de un mundo en crisis*, Madrid, Aguilar.

Em resumo, o termo espiritualidade refere-se:

- Ao espírito, à força que **vivifica** a realidade;
- Ao modo de nos situarmos face a ela, sustentando, **defendendo a vida** contra tudo o que atenta contra ela;
- À descoberta da verdade mais profunda da humanidade e da realidade: a experiência de ser **Relação**, Comunhão e, portanto, à responsabilidade por toda a realidade;
- À **consciência ética** de que não podemos continuar a viver à margem da dor das grandes maiorias, que as mudanças sociais, políticas, económicas que é necessário empreender são um modo correcto de tornar verdade o que Somos, de colocar **a vida** e, de um modo especial, a vida dos mais ameaçados no centro dos nossos cuidados como pessoas e como sociedades.

Uma sociedade ou pessoa espiritual seria, pois, a que vai descobrindo a verdade do seu Ser, a sua verdadeira identidade, antevendo o Fundo último da realidade (a Unidade que somos) e procura viver coerentemente com essa verdade experimentada, colocando a vida, toda a vida, de um modo especial, as vidas mais ameaçadas, no centro, para delas cuidar, defender e proteger. Partindo desta abordagem conceptual, podemos afirmar que espiritualidade é *adequada* em cada momento da história, mas sempre remetida ao Real para confrontar-se com ele.¹⁴ É, por consequência, um conceito dinâmico, não estático e de profunda actualidade.

Como definir a política

Antes de qualquer definição, quero começar reconhecendo que a política está hoje numa situação de profundo descrédito, degradada, maltratada por muitos dos que exercem o poder político directo como parte da cidadania. O grande perigo do nosso momento histórico é cair na armadilha de acreditar que é possível prescindir da política, dos políticos de profissão, porque pior que uma política má é a ausência da mesma. É verdade que temos muitos dados para estarmos desencantados com a política, sobretudo se a reduzimos, identificando-a, tanto com a militância de partido ou com a acção directa de governar. Josep Ramoneda, no prólogo a um interessante livro de Daniel Inneraty *La política en tempos de indignación*, expressa muito certeira-mente: *A política é o único poder ao alcance de quem não tem poder*¹⁵

¹⁴ SOBRINO, J, (1990), op, cit, pp- 449-458.

¹⁵ (2015) ed. Galaxia Gutemberg.

Se esquecemos que, como diz Aristóteles, o ser humano é um “animal político”, logo, pelo simples facto de sermos pessoas já estamos implicados no compromisso com a “polis” com a cidade. Tanto a política como governo e administração da *res-pública*, como a gestão do “comum” implicam-nos a todos.

2. VIVEMOS UM MUNDO EM “EMERGÊNCIA”

Uma emergência é sempre uma situação especial pelo qual passa um sistema – político, ecológico, comunitário – e para a qual nem sempre facilmente se encontram os recursos necessários para poder enfrentar uma determinada situação.

Ao falar de um mundo em “**emergência**” quero destacar a dupla acepção desta palavra entendida como **perigo** e como **esperança do novo que está a emergir**¹⁶. É um tempo que se acaba e no qual não se vê ainda com clareza o que brilha.

A sensação que vivemos foi muito bem expressa pelo pensador italiano Antonio Gramsci: *o velho resiste a morrer e o novo não consegue nascer*.

A palavra “emergência” (na dupla acepção em que a utilizo) refere-se à mudança e transformação, simultaneamente, num tempo em que **não se encontram respostas ou recursos suficientes** para abordar essa mudança. Os momentos de emergência podem também ser uma grande oportunidade para banir estruturas caducas e **crivar** o que continua a ser valioso e o já não é. E podem ser um grande momento de esperança do novo que emerge.

Estamos perante uma transformação de grandes dimensões. Joan Subirats, um prestigiado catedrático de Ciência Política exprime-o deste modo: *Estamos numa situação de transição ou de interregno entre duas épocas, na qual se verificam descontinuidades significativas entre o que fazíamos e o que vivíamos e o que estamos a fazer e a viver, embora não se vislumbre claramente os cenários do futuro*.¹⁷. Algumas pessoas comparam este momento actual de mudança com o que pressupôs a passagem do Paleolítico para o Neolítico na história da humanidade. Sucedem-se os nomes para identificar esta mudança radical: tempo axial, mudança de eixo, nova consciência holística, trans-histórica, transpessoal, trans-religiosa, pós-moderna, pós-industrial.

¹⁶ Desenvolvi esta perspectiva em MARTINEZ OCAÑA, E.M. op.cit. (2014).

¹⁷ SUBIRATS, J., (2012) *Nuevos movimientos sociales para una Europa en crisis?* Link: <http://eurobask.org/ficheiros FTP/LIBROS/UNIVERSITAS>, pdf. Sobre o impredecible de este tiempo en que vivimos, recomendo o excelente livro de FONTANA, J. (2013), *El futuro es un país extraño*, Barcelona, ed. Pasado y Presente.

Muitos analistas dizem-nos que a mudança é de tal importância que não é possível compreendê-la, porque estamos demasiado próximos, falta-nos perspectiva para vislumbrar o que se pode conjecturar para a evolução do planeta Terra e da nossa espécie.

Uma mudança de **paradigma** que nos obriga a rever a nossa maneira de viver e de nos situarmos na realidade. Estar a viver este momento de crise implica também uma grande carga de incerteza e, por vezes, a busca compulsiva de segurança.

Foram para mim especialmente clarificadoras as palavras de Boaventura Sousa Santos: *A morte de um determinado paradigma traz dentro de si o paradigma que há de suceder-lhe (...).*

*Mas demora muito a saber com segurança quando é que um paradigma morreu. A passagem entre paradigmas - a transição paradigmática é, pois, semicega e invisível. Só pode ser conjecturada por um pensamento construído com economia de pilares e habituado a silêncios, sussurros e evidências significativos em preciosos sinais de orientação*¹⁸.

É já uma evidência para a maioria dos analistas que a nossa civilização moderna, capitalista, ocidental, globalizada entrou em crise. Federico Mayor Zaragoza (ex-director geral da UNESCO), exprime-o com toda a clareza num texto do preâmbulo da “Carta da Terra”: *Estamos num momento crítico da história da Terra, na qual a humanidade deve escolher o seu futuro. É tempo de mudanças urgentes. É tempo de acção. A maioria dos diagnósticos e análises têm sido realizados e estão disponíveis: chegou o momento de os aplicar resoluta e audazmente. Como estabelece a Carta da Terra na sua conclusão: Como nunca antes na história, o destino comum reclama à humanidade a busca de **um novo começo***”. Adverte-nos também de que *esta nova etapa da história vai requerer uma mudança de mentalidade (...), um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal*¹⁹.

O ex-candidato ao Prémio Nobel da Paz, Ervin Laszlo, designa-o como um momento de **“emergência global”**: *Com isto queremos dizer que o sistema, como está, deixou de ser sustentável e entrou num estado tal de instabilidade que, para não colapsar, se vê obrigado à mudança (...). A instabilidade e a insustentabilidade em que a nossa actividade colocou o ser humano e o mundo natural reflectem uma emergência global que devemos enfrentar, se queremos evitar uma catástrofe global*²⁰. O problema grave é que as instituições ou organizações políticas não foram criadas para resolver os problemas globais, mas os territoriais das nações-Estado e não se dedicam àqueles.

¹⁸ De SOUSA SANTOS, B. (2003), *Crítica de la razón indolente*, Bilbao, ed. DDB, p.13. Os sublinhados são meus.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ LAZLO, E., *Emergencia global*, op.cit. 48-51.

Manifesta-se uma emergência crítica através das diferentes crises designadas de muitas formas:

- **Uma crise de humanidade**, porque subjaz nela um conceito empobrecido de ser humano que só o considera parcialmente, a sua parte de ego, sem descobrir a armadilha dessa perspectiva individualista que o impede de descobrir que “somos um feixe de relações em todas as dimensões” e que, portanto, não “sou”, mas sim, somos.
- **Uma crise de civilização** que nos levará a ter de repensar todos os nossos esquemas mentais (devemos sair da bolha economicista), mudar o nosso modo de viver e relacionarmo-nos com toda a humanidade e com o resto da biosfera.
- Crise **pela ruptura clássica da cosmologia clássica**, segundo a qual se partia de uma visão mecanicista antropocêntrica, dualista e patriarcal do universo. As coisas estão perante nós, umas ao lado das outras, **sem conexão entre si**, regidas por leis mecânicas. Não possuem valor intrínseco, vale apenas na medida em que estão em função do uso humano.

Estas crises podem ser lidas como expressão de **uma única crise: a dos fundamentos**.

Precisamente porque a emergência é global, podemos concluir, como já disse antes, que é o momento de **um novo começo**. Um começo que **requer a nossa colaboração** para poder transformar a nossa pessoa, os nossos contextos familiares, laborais, sociais, enquanto, concomitantemente, trabalhamos “politicamente” para uma mudança estrutural que torne possível um mundo novo não dominado pelo neoliberalismo.

Como Isaías, num momento de profunda obscuridade para o seu povo, teve a ousadia profética de lhe dizer: *algo de novo está a nascer, não vedes?* Também nós, mulheres, queremos abrir os olhos do coração para poder contemplar o que está a emergir, o que já existe na esperança, talvez em gérmen, como uma pequena semente, como um grão de mostarda... mas como o sonhador Jesus de Nazaré, esperamos activamente que possa converter-se numa árvore de vida (Rom 8, 8: *a criação geme com dores de parto*).

Noutro ponto da minha obra²¹ desenvolvi demoradamente este **nosso mundo “em emergência” como perigo e como oportunidade de surgir o novo, através de alguns símbolos**: é de **noite**, mas já desponta um tímido **amanhecer**, estamos no meio da **tormenta**, mas **o arco-íris** aponta a tempo para a paz e para a pluralidade na harmonia que estamos a construir, **levantamos**

²¹ MARTINEZ OCAÑA, E., *Espiritualidad para un mundo en emergencia*. 2015, Madrid, Narcea.

muralhas, fechamos fronteiras e, ao mesmo tempo, cada vez mais pessoas despertam para a consciência **da unidade que somos** e se relacionam em **redes** de solidariedade e justiça.

3. CONCEITO, URGÊNCIA E EXIGÊNCIA DE UMA ESPIRITUALIDADE POLÍTICA

Ninguém pode ser feliz sem participar da felicidade pública, ninguém pode ser livre sem a liberdade pública, ninguém pode ser livre sem a experiência da liberdade pública e, finalmente, ninguém pode ser feliz ou livre sem se comprometer e participar no poder político. ANA ARENDT²² (filósofa política alemã e, posteriormente, americana, de origem judaica)

Como disse até agora, torna-se evidente que o mundo de hoje é insustentável. Acaba-se um mundo, um paradigma que se tornou caduco e um novo quer nascer. **Mas não vai nascer sem a nossa colaboração.**

Nascerá através de nós, mulheres e homens deste momento histórico. Os partos são dolorosos e nem sempre estamos dispostas a enfrentar a dor que nos possa ajudar a este nascimento.

São Paulo falava à comunidade cristã de Roma de uma criação que geme entre as dores de parto, esperando poder dar à luz a sua verdadeira identidade (Rom 8,18). Também nós, mulheres, necessitamos de dar à luz o melhor do nosso ser, para podermos colaborar no parto de um mundo novo, uma sociedade nova que não será possível sem a nossa colaboração.

A primeira condição para viver uma espiritualidade política que torne possível um mundo novo é a **consciência lúcida.**

Não haverá mudança verdadeira se não formos à raiz dos problemas do nosso mundo. Que análises fazemos das causas que produzem o mundo em que vivemos? Responder a esta pergunta é a chave para saber como vamos gerir o nosso compromisso político.

Os diagnósticos de causas são muito variados, de acordo com o lugar social, cultural, ideológico em que nos encontremos.

Quero citar aqui um diagnóstico simples que o Papa Francisco fez no ano passado, no II Encontro Mundial de Movimentos Sociais, na Bolívia.

No seu discurso durante o **II Encontro Mundial de Movimentos Populares**, na Bolívia em Julho de 2015, o Papa, oferece-nos dados de realismo e convida-nos à denúncia e ao compromisso:

²² Citado por Gutierrez-Rubi, A., “El espíritu de la política”, op.cit.44.

*Primeiro que tudo, comecemos por reconhecer que precisamos de uma mudança. Quero esclarecer que falo dos problemas latino-americanos e, também de toda a humanidade, em geral. Problemas que têm **uma matriz global** e que hoje nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que façamos estas perguntas:*

- ◆ *Reconhecemos seriamente que as coisas não estão bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem tecto, tantos trabalhadores sem direitos, tantas pessoas feridas na sua dignidade? (No encontro era defendido sobretudo o direito dos três **T**: tecto, terra, trabalho).*
- ◆ *Reconhecemos que as coisas não estão bem quando rebentam tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros?*
- ◆ *Reconhecemos que as coisas não estão bem quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão debaixo de permanente ameaça?*

*Então, se reconhecemos isto, digamo-lo sem medo: **precisamos e queremos uma mudança.***

*Vós, nas vossas cartas e nos nossos encontros, relatastes-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofreis em cada actividade, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão diversas como tantas e diversas são as formas de enfrentá-las. Há, no entanto, **um fio invisível que une cada uma das exclusões.***

*Não estão isoladas, estão unidas por um fio invisível. Podemos reconhecê-lo, porque não se trata de questões isoladas. Interrogo-me se somos capazes de reconhecer que **essas realidades destruidoras respondem a um sistema que se tornou global.***

*Reconhecemos que esse sistema impôs a **lógica do lucro** a qualquer custo, sem pensar na exclusão social ou na destruição da natureza?*

*Se isto é assim, insisto, digamo-lo sem medo: **queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas.** Este sistema já não se aguenta, não o aguentam os camponeses e não o aguentam as comunidades ... nem sequer o aguenta a Terra, a irmã mãe Terra, como dizia São Francisco.*

Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, na nossa realidade mais próxima: também quero uma mudança que toque o mundo inteiro, porque hoje a interdependência planetária requer respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança que nasce dos povos e cresce entre os pobres deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.

Quero reflectir hoje convosco sobre a mudança que queremos e de que precisamos. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque necessitamos dela. Sei que vós procurais uma mudança, e não só vós: nos diversos encontros e diferentes viagens, tenho verificado que existe uma expectativa, uma

grande procura, **uma aspiração à mudança em todos os povos do mundo**; inclusive, dentro de todas as minorias cada vez mais reduzidas que pensam beneficiar deste sistema reina a insatisfação e, especialmente, a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte dessa tristeza individualista que os escraviza.

O tempo, irmãos, irmãs, **parece que o tempo se está a esgotar**: não conseguiu acabar com as lutas entre nós, porque basta vermos em nossas casas. Hoje a comunidade científica aceita o que desde há muito denunciam os humildes: estão a provocar danos talvez irreversíveis no ecossistema. Estamos a castigar a Terra, os povos e as pessoas de um modo quase selvagem. E, por trás desta dor, de tanta morte e destruição, sente-se o odor forte e desagradável daquilo a que Basílio de Cesareia – um dos primeiros teólogos da Igreja – chamava “o esterco do diabo”, **a ambição desenfreada do dinheiro que governa. O serviço para o bem comum é relegado para segundo plano.** Quando o capital se converte em ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez pelo dinheiro tutela todo o sistema socioeconómico, arruína a sociedade, condena o homem, o converte em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, leva ao confronto povo contra povo e, como vemos, inclusive, coloca em risco esta nossa casa comum, a irmã e mãe Terra.

Partilho deste diagnóstico, desta preocupação e deste sonho. Mas não basta uma análise fria, racional para conseguir mobilizar-nos, comprometer-nos, colaboráramos neste novo parto. Tal não será possível sem cultivar um **profundo pathos (capacidade de padecer com)** que nos leve a escutar a partir das nossas entranhas o grito da Terra e o doloroso clamor de milhões de pessoas famintas, deslocadas, excluídas que vêm bater à nossa porta, pedindo para serem acolhidas e reconhecidos os seus direitos e este é actualmente um dos reptos mais graves e, ao mesmo tempo, sentimos uma profunda vergonha pela forma como estamos a responder na Europa supostamente defensora dos Direitos Humanos e rica a esta emergência humanitária. Chegou a hora de integrar a consciência ética e a espiritualidade na política, e de os grupos e pessoas conscientes nos comprometermos na gestão da vida em comum, isto é, na política, procurando a harmonia, a justiça e a paz.

Com a lucidez que o caracteriza, o Papa Francisco diz na sua exortação ***Evangelii Gaudium* (205)**: *Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que se oriente eficazmente em sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo! A política, tão denegrida, é uma vocação elevadíssima, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque procura o bem comum.*

Na prática quotidiana, há muitas razões pelas quais devemos integrar a espiritualidade e a política:

- ◆ Muitas das decisões e desafios que, como cidadãos, temos de enfrentar e os governos de decidir são de **carácter ético**, têm a ver com **direitos** sociais, culturais, ecológicos, espirituais... ainda que se apresentem com temas económicos ou técnicos.
- ◆ A cidadania reclama **outra maneira de fazer política**, há um clamor pela necessidade de pessoas que se comprometam no governo das cidades, dos municípios, movimentos de cidadãos, ONG ... não para **“roubar ou enriquecer”**, mas para **trabalhar pelo bem comum**. Hoje requeremos com urgência uma política transparente e responsável, tornando visíveis os valores da interdependência, da cooperação, da solidariedade, da justiça, da equidade, do amor e da compaixão, ou seja, **uma espiritualidade animada pela espiritualidade**. A semente espiritual da política é o serviço. A espiritualidade e o desenvolvimento interior dos cidadãos são essenciais para uma nova forma de fazer política.
- ◆ Tal como já vimos, no seu sentido originário da palavra espiritualidade, esta só tem sentido quando se vive como **impulso de vida, compromisso com a vida** humana, de um modo especial, as vidas mais ameaçadas, com o respeito por todos os seres vivos e toda a realidade cósmica.
- ◆ As tendências que hoje se adivinham, na cidadania mais lúcida e desperta marcam uma evolução política que deve, necessariamente, ir **na direcção de um sistema político e social baseado nos valores e na defesa dos direitos humanos** e de todo o ser vivo se não queremos perder o norte da política.
- ◆ A situação actual de emergência requer uma **nova forma de governar** que seja mais compassiva, solidária, justa, protectora das vítimas deste sistema... De um modo especial, quando, a nível mundial, impera um sistema de economia neoliberal que é um sistema que produz morte. O Para Francisco atreveu-se a qualificar o sistema neoliberal dominante como **“assassino”**
- ◆ A **frustração dos cidadãos** aparece como resultado de ver que a política não se considera como a forma mais eficaz para combater o actual sistema económico que produz uma insuportável pobreza e desigualdade. Não é reconhecida como meio de integração, de respeito pelas múltiplas diversidades, de defesa dos direitos humanos e de autêntica protecção social, de defesa cidadã. Temos de tornar possível e, portanto, verificar que a política não se rege apenas por razões económicas e financeiras para benefício de uma elite, mas para a defesa do bem comum das pessoas, da defesa da

vida, do cuidado pela nossa casa comum. Para isso **necessita da espiritualidade que ilumina e fortalece a consciência da nossa identidade comunitária** e, por consequência, é urgente não tolerar mais o uso e abuso do poder para benefícios privados.

- ◆ **A integração da política e da espiritualidade implica mudanças profundas nas definições e noções de bem-estar humano e de todos os seres vivos.** Numa política sem espiritualidade prima uma noção estritamente economicista e material do ser humano e dos processos de governabilidade traduzida, por exemplo, no PIB, dotações orçamentais e noções tradicionais de eficiência económica e competitividade. Esta noção material não é suficiente para saber como está a população como resultado da política. Índices de satisfação, felicidade, sentimento de pertença, integração, igualdade, justiça, o viver bem” e outros devem ser incorporados na avaliação da política. Há que procurar o PIF (o Produto Interior de felicidade).
- ◆ **O essencial é que uma política com espiritualidade deve impor-se sobre uma política sem espiritualidade.** É impossível fazer política sem espiritualidade. Nem tudo é matéria nem economia. A política separada da espiritualidade conduz-nos a uma dualidade entre o que fazemos, sabemos e temos com o que SOMOS. **Somos seres espirituais** a viver uma experiência material, vivendo uma experiência espiritual. Hoje sabemos que o exterior reflecte muito o nosso estado de espírito interior e vice-versa. Um mundo como o que temos está a reclamar um despertar da cidadania para uma nova consciência planetária e para novos valores que derivam, necessariamente, deste **despertar.**

Por todas estas razões de que tenho vindo a proferir, em vez de falar de Espiritualidade e Política quero defender uma **espiritualidade política.**

Tal como concebo a espiritualidade, esta não só não deve ser disputada com a política, mas que, pelo contrário, são duas realidades que se reclamam e complementam.

Uma espiritualidade sem incidência na polis corre o perigo de converter-se num “espiritualismo” desencarnado. Uma política sem espírito é uma prostituição da mesma.

Uma **espiritualidade política** pressupõe devolver a cada uma destas duas realidades a sua autêntica verdade.

Por um lado, seria o regresso ao **sentido original da política** como técnica e arte de atender às necessidades da cidadania, da “polis” e hoje a “polis” não é só a nossa pequena cidade nem sequer a nossa pequena nação, mas a Casa Comum, a Terra viva onde habita toda a humanidade, onde se desenvolve uma variedade biótica, ou seja, viver o autêntico

sentido da política: a busca do maior bem possível para o maior número de pessoas respeitando os direitos não só das pessoas, mas também dos animais, da natureza na sua rica diversidade, isto é, respeitando o direito de tudo o que continua a existir.

Para Platão e Aristóteles a política era **inseparável da ética**; o mesmo dizia São Tomás de Aquino que afirmava que procurar a felicidade das pessoas era uma tarefa fundamentalmente política. Para este filósofo, *a felicidade é um bem comum. O espírito original da política só poder ser recuperado com uma política mais espiritual, moral e responsável*²³.

Por outro lado, pressupõe recuperar o sentido autêntico da **espiritualidade** e fazer da busca de silêncio, calma, profundidade, conexão com a Fonte da vida um lugar para a **consciência lúcida**, para maturar uma forma de estar na realidade, construindo **conexão**, inter-relação, cooperação, compromisso para **tornar autêntica a rede de relações** que somos; para fazer do cuidado de toda a vida o centro dos interesses de cada pessoa, de cada colectivo, de toda a sociedade.

Cultivar uma espiritualidade política supõe cultivar pessoal e comunitariamente uma atitude, uma maneira de estar na realidade e uma maneira de organizar a gestão da polis e o governo que **faça do bem comum** (de tudo o que existe) o centro dos esforços e preocupações.

Estamos a esquecer-nos de que **a essência da política é a procura comum do bem comum**. Um dos efeitos mais avassaladores do capitalismo globalizado e da sua ideologia, o neoliberalismo, é a destruição da noção de bem comum ou de bem-estar social.

No começo deste ano, Leonardo Boff dizia-nos num dos seus artigos: *O bem comum foi enviado para o limbo*²⁴ *da preocupação política. Em seu lugar entraram as noções de rentabilidade, flexibilização, adaptação e competitividade. A liberdade do cidadão é substituída pela liberdade das forças do mercado, o bem comum pelo bem particular, e a cooperação pela competição. Como consequência, cada um se sente impelido a garantir o que é seu: emprego, salário, automóvel, família.*

Neste contexto, quem vai realizar o bem comum no planeta Terra gravemente ameaçado? Que organismo mundial está a enfrentar esta situação que destrói o bem comum planetário e que, apesar de todas as declarações de direitos humanos, estes continuam a ser sistematicamente violados?

²³ Gutierrez-Rubio, A., El espíritu de la política, *op.cit.* p.47

²⁴ Boff, L., "El bien común fue enviado al limbo", Web L.B. 2015, 02-20

Sabemos que as sociedades civilizadas se constroem sobre três pilares fundamentais: **a participação (cívica), a cooperação associada e o respeito pelos direitos não só humanos, mas por tudo o que existe. Juntas criam o bem comum.**

Portanto, **cultivar uma espiritualidade política é trabalhar o bem comum, pelo menos numa tripla dimensão:**

- ◆ No **plano estrutural**, pelo justo acesso de todas as pessoas à alimentação, à saúde, à habitação, à energia, à segurança, à cultura, à beleza, à educação e ao desenvolvimento da sua dimensão espiritual, ou seja, ao respeito pelos direitos humanos.
- ◆ No **plano social**, pelo reconhecimento e pelo respeito à pluralidade, à convivência pacífica, à participação cidadã.
- ◆ No **plano ecológico**, no respeito e defesa dos ciclos da terra, pelos seus recursos e pela sua biodiversidade.

Tal possibilitaria, diz-nos Leonardo Boff, realmente uma sociedade nova, um mundo novo onde a organização, a repartição do poder e as leis permitiriam a todas as pessoas viverem juntas sem demasiados conflitos. *Cultivar-se-ia um conjunto de valores morais, éticos e ideais que dariam sentido à vida social e que humanizariam as relações sempre tensas entre as diferenças. Por fim, haveria um horizonte com um maior sentido, que vincularia a história a uma instância mais alta e desenharia o quadro final do universo: a espiritualidade*²⁵

Resumindo: que relação há entre o bem comum e a espiritualidade?

No plano **estrutural**, o bem comum é o acesso justo de todas as pessoas à alimentação, à saúde, à habitação, à energia, à segurança, à cultura, à não discriminação. No plano **humanístico**, é o reconhecimento, o respeito e a convivência pacífica. No plano **ecológico**, é o respeito pela Terra e a sua biodiversidade.

Por ter sido desmantelado pela globalização competitiva, o bem comum deve ser agora reconstruído. Para essa reconstrução é imprescindível **um sentido espiritual**, porque requer partir de uma lucidez do que somos, relação, comunicação, comunhão, e isso exige

²⁵ BOFF, artigo cit.

conferir supremacia à cooperação e não à competição. Sem esta mudança, dificilmente se manterá a comunidade humana unida e com um bom futuro.

Neste momento histórico torna-se indispensável construir uma política planetária onde não só os dirigentes, mas **todos os cidadãos vivamos para isso e por isso possamos ajudar a desmontar a ilusão de que é possível continuarmos separados para nos abirmos a viver a unidade que somos**. Não há horizonte colectivo sem a colaboração de todas as pessoas, não tornaremos verdade que somos unidade e não poderemos salvar a Terra da depredação humana.

O problema é que temos um défice de qualidade humana e de desenvolvimento espiritual das nossas pessoas, da nossa sociedade e, portanto, daqueles que têm acesso à actividade política. Um desenvolvimento do nosso ser espiritual tornaria possível renunciar ao enriquecimento individual, ao puro bem-estar pessoal para trabalhar pelo bem social, pela felicidade das maiorias. Por outras palavras, viver a nossa dimensão política, a nossa vocação política como serviço mútuo e a quem exerce a função de governar, fazê-lo procurando o bem do povo desinteressadamente.

Na gestão do comum, há uma questão muito importante: não só *o para quê* dessa gestão como **a perspectiva de onde se parte**.

O olhar cristão tem uma posição clara: partindo dos desfavorecidos, dos “descartáveis” (os sobrantes), assim lhes chama o Papa Francisco) não se pode falar de uma espiritualidade política de costas voltadas para o sofrimento das grandes maiorias²⁶.

Por isso, o ponto de partida, onde está o centro da preocupação de uma espiritualidade política tem de ser a injustiça e o sofrimento das grandes maiorias. Tal pressupõe trabalhar para criar condições que tornem possível o nascimento de um mundo novo e enquanto este não chega, ir facilitando mudanças, planificando acções de protesto e propostas, mudando leis ... que procurem “antecipar” desde já, dentro deste sistema, um futuro novo.

Este empenho em tornar verdade a unidade que somos passa pelo compromisso de gerar **estruturas sociopolíticas** que tornem possível:

- ◆ Uma vida digna para todas as pessoas
- ◆ O exercício de uma democracia real, participativa, transparente e justa

²⁶ SOBRINO, J. *Fuera de los pobres no hay salvación*, Trotta, 54-55.

- ◆ Uma nova maneira de encarar e nos relacionarmos com o nosso planeta (não como matéria-prima a explorar, mas sim como uma realidade de que fazemos parte e temos de respeitar e cuidar).

Termino este capítulo fazendo meu este apelo do Papa Francisco: **“Peço ao Senhor que nos conceda mais políticos que tomem verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres”!** (*Evangelii Gaudium*, 205).

4. O PESSOAL É POLÍTICO. A INEVITÁVEL TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

O pessoal é político foi uma das grandes contribuições do feminismo. Foi o momento em que se tornou evidente que o patriarcalismo, o machismo, a violência de género não são temas puramente privados, de âmbito familiar ou pessoal, mas um grave problema político que é necessário tornar visível.

Partindo desta conquista, quero aqui aplicar afirmar o facto da dimensão política das pessoas. **Os nossos corpos são lugares políticos**, a nossa maneira de nos situarmos na realidade, os nossos valores, crenças, atitudes não são algo privado e apenas pessoal, mas nós somos as pessoas humanas que construímos e/ou apoiamos - ou não - determinadas políticas. Sem a nossa colaboração activa não haverá mudanças significativas sociopolíticas ou económicas.

Não constituímos uma sociedade civil consciente, pelo menos nos chamados países democráticos, do nosso poder para apoiar ou revogar determinadas políticas, não tomámos consciência de que nenhuma atitude nossa - poderíamos hoje dizer - nenhum pensamento, nenhuma emoção ou atitude é exclusivamente pessoal.

Já o tinham demonstrado homens e mulheres de grande sabedoria e experiências místicas ao longo da nossa história, mas, actualmente, a ciência defende-o claramente. A física quântica, as ciências da Terra, as neurociências dizem-nos com toda a evidência que somos um feixe de relações de energia em contínua interacção. Para bem e para mal, estamos interagindo e, portanto, influenciando-nos e gerando um fluxo contínuo de bem-estar ou mal-estar, de vivência e construção da Unidade que somos ou apoiando uma cultura da separação falsa, egocêntrica e, no entanto, de “pequenos clãs”.

Por isso é muito importante que nos interroguemos com lucidez sobre **as consequências políticas das nossas atitudes pessoais**.

Annie Marquier, uma mulher matemática, música, estudiosa dos avanços científicos em física quântica, neurocardiologista e pioneira no estudo da consciência, mostra com toda a clareza no seu livro *El Maestro del corazon* as consequências, repercussões e efeitos na vida social e política do nível de consciência em que vivemos e, partindo daí, do modo de lidar com as nossas tendências básicas de seres humanos. Ver ANEXO com a entrevista a Annie Marquier: *El corazon tiene cerebro e niveles de consciencia*.

5. UMA ESPIRITUALIDADE POLÍTICA:

Como caminho para colaborar em “dar à luz” uma sociedade nova, um mundo novo (Rom 8, 18)

Chegou o momento de provocar, partindo dos nossos espaços, uma mudança significativa que já começa a consolidar-se: a exigência de caminhar para outra globalização, a dos direitos “partindo da base” e da multiculturalidade que defenda a globalização dos direitos pela criação de instâncias de governo mundial, pela universalização do cuidado com a Terra e com os ecossistemas e pela valorização da dimensão espiritual do ser humano e do universo. Para a construção de:

- Uma humanidade que desperta para uma nova **consciência planetária** que torne realidade a Unidade que somos;
- Uma civilização de pessoas empenhadas na construção da **globalização dos direitos**, partindo da base e da multiculturalidade;
- Uma cultura do cuidado.

5.1. Uma humanidade que desperta para uma nova consciência planetária que torne realidade a Unidade que somos.

Na verdade, tratar-se-ia de tornar **politicamente** verdade o que somos: unidade e diferença.

*O mundo da globalização é um mosaico de redes*²⁷ e, portanto, vemos cada vez com maior nitidez que estamos dentro de uma rede de relações, para bem e para mal: a globalização económica, as mafias e grupos terroristas organizados em rede são exemplos disto.

Apesar de grandes resistências, estamos a assistir ao emergir de uma nova consciência: a descoberta entre espantados e reticentes de sermos rede-comunhão-interconexão-unidade.

Está a surgir uma *nova cosmologia* alternativa propiciada pelas ciências do Universo, da Terra, a física quântica e do estudo sobre a vida. Os cientistas dizem-nos que o universo está continuamente a expandir-se, a auto-organizar-se e autocriar-se. No todo é relação em redes e nada existe fora desta relação.

Nesta perspectiva, cada vez mais partilhada, se afirma que o que caracteriza a realidade são *estruturas de relação e relatividade*, processos de transformação e mudanças abertas²⁸. Neste novo modelo um ser *não entra em relação* com outro, mas *encontra-se por si mesmo em relação*. A realidade vai-se revelando como um manto inconsútil, sem fracturas.

São muitas as pessoas que, apesar de viverem ainda numa cultura competitiva e individual, se vão descobrindo a si mesmas como “um nó de relações totais em todas as direcções”.²⁹ Hoje, pelo menos, teoricamente, já sabemos que tudo está interligado: a globalidade é interacção. Talvez como nunca tomemos consciência, lenta mas imparavelmente, de que participamos de um todo. Com a Terra viva, formamos uma comunidade cósmica e vital. Leonardo Boff diz de um modo muito belo que *somos a expressão consciente do processo cósmico e responsáveis desta porção dele, a Terra*.

É porque não nos sentimos parte da Terra que a estamos a destruir. O futuro do séc. XXI e da humanidade dependerá de assumirmos ou não esta nova cosmologia e de vivermos

²⁷ DOLORES OLLER i SALA, M. (2008), *Construi la convivència. El nuevo orden mundial y las religiones*, Barcelona, Cuadernos Cristianos i Justicia, nº 157.

²⁸ Desde a década de 1990 tem vindo a ser publicada uma grande variedade de obras, que oriundas de diferentes áreas do saber confluem nesta mesma afirmação: a certeza de que o que constitui a força essencial no processo evolutivo é a natureza pan-relacional. Destaco alguns títulos: BHOM, D. (2005) *La totalidad y el orden implicado*, Barcelona, Ed. Kairós; CAPRA, F., STEINDEL-RAST, D., Y MATUS, T. (1994) *Pertenecer al universo. Encuentos entre ciencia y espiritualidad*, Madrid, Ed. Edaf; (1996) *La Trama de la vida, una nueva perspectiva de los sistemas vivos*, Barcelona, Ed. Anagrama; KÜNG, H., (2007), *El principio de todas las cosas. Ciencia y religión*, Madrid, Ed. Trotta; POLKINGHORNE, J. (2000) *Ciencia y Teología. Una introducción*, Santander, Ed. Sal Terrae; (2007) *Explorar la realidad. La interrelación ciencia y religión*, Santander, Ed. Sal Terrae; WILBER, K., (1987) *El paradigma holográfico. Una exploración en las fronteras de la ciencia*, Barcelona, Ed. Kairós; (1991) *Los tres ojos del conocimiento. La busca de un nuevo paradigma*. Barcelona, Ed. Kairós; (1997) *Breve historia de todas las cosas*, Barcelona, Ed. Kairós; (2006) *La pura conciencia del ser*, Barcelona, Ed. Kairós.

²⁹ BOFF, L., (2013) *El ser humano como nudo de relaciones totales*, Columna semanal de Leonardo Boff em www.servicios.koinonia.org/boff/2013-07-21.

coerentemente com ela. No entanto, também é verdade que continuamos fascinados pelo individualismo cego, pela competitividade, pela exclusão, pelas barreiras e pelos muros. Mas aposto, por acreditar, que esta consciência atomizada pertence ao velho paradigma que resiste a morrer, porque, entre outras coisas, a nova consciência nos complica mais a vida ao sabermos que estamos ligados, referidos em interdependência e isso, aliás, faz-nos perder a exclusividade de sermos sujeitos de direitos.

É urgente experimentar e saber viver a pan-racionalidade e a religação com tudo; já não é possível compreendermo-nos isoladamente. É, pois, tarefa nossa construir o dia-a-dia a rede de relações que a tornam verdade.

Gandhi, declarado seguidor do *advaita* (não-dualidade, em sânscrito), expressava assim o facto de não estarmos isolados: *Creio na unidade essencial do ser humano e, de facto, de tudo o que vive. Logo, creio que se um só ser humano ganha em espiritualidade, todo o mundo ganha com ele, e se uma pessoa falha, todo o mundo falha na mesma medida.* Este caminho em direcção a uma nova consciência planetária vai-se tornando realidade em grupos minoritários, mas, sem dúvida, crescentes onde vamos cultivando uma **espiritualidade, de facto, holística.**

- ◆ Somos já muitas pessoas a perceber sinais de que este velho modo de entendermos e vivermos pode estar a caminhar, embora muito lenta e arduamente, para a sua desapareição: disto temos de nos alegrar e, sobretudo, trabalhar pessoal e comunitariamente para facilitar a sua morte e, simultaneamente, tornar realidade, nas nossas atitudes, hábitos e valores, um modo de ser comunhão e relação.
- ◆ Vai-se tornando cada vez mais popular a expressão “viver transcendendo o ego” ou melhor “*para além do ego*”, como uma forma de exprimir a consciência do nosso ser transcendente e pan-relacional.

O que é que podemos esperar deste despertar para uma nova espiritualidade holística?

- ◆ Uma maior consciência do que pressupõe sabermos que fazemos parte da humanidade e da comunidade de vida e, portanto, mais lucidez a respeito do preço que outros povos, países, continentes, colectivos, a própria Terra, famílias, pagam pelo nosso modo de viver nos primeiros mundos de cada país.

- ◆ Que esta consciência se converta num caminho progressivo de libertação do nosso egocentrismo, narcisismo e individualista consumista.
- ◆ Que, em coerência com isto, aprendamos a pensar, viver, relacionarmo-nos, trabalhar...de formas diferentes, coerentes com a consciência da Unidade que somos. Jesus de Nazaré fez do seu sonho de transformar o nosso mundo numa família de filhas /filhos, irmãs/irmãos a paixão da sua vida e a causa da sua morte.
- ◆ Que os tempos de silêncio, calma e sossego nos levem, a cada um segundo as suas possibilidades e sensibilidade, a uma militância activa, lúcida, pacífica pela transformação das estruturas injustas do nosso mundo, pela defesa dos direitos humanos e relativos à vida, a trabalhar para ir diminuindo, até fazer desaparecer, as exclusões sociais por razões de classe, raça, sexo e a conversão dos nossos corações, hábitos de vida, costumes ... sem a qual será difícil contribuir para a paz, para o diálogo.

A gravidade do momento que vivemos reclama o cultivo de uma maior consciência da interdependência entre todos e da unidade entre Terra e humanidade. Precisamos de sair dos nossos pequenos círculos para criar relações com outros grupos e organizações sociais, movimentos que procuram outra globalização, a globalização da solidariedade, da justiça, da inter-relação responsável. Temos de cultivar uma solidariedade universal, uma maior responsabilidade colectiva e de cuidado de tudo o que vive e existe.

Quero acreditar que o aparecimento desta espiritualidade holística, nas suas múltiplas manifestações, se há de converter no apelo pessoal e comunitário, no lugar de encontro que vai tornado realidade a nossa história concreta – o que somos no mais profundo do nosso ser: **unidade, relação**.

Em linguagem cristã há que tornar verdade o sonho de Jesus de uma família de filhas/filhos e irmãos/irmãs, diríamos hoje de uma comunidade biótica.

Tornar realidade a unidade que somos é o núcleo da experiência mística: saborear o Fundo último, a Fonte da vida, a Realidade em que *vivemos, respiramos, somos*. Os nomes podem ser muito variados. Jesus chamou-lhe *ABBA*.

5.2. Uma civilização de pessoas empenhadas na construção da globalização dos direitos

A consciência de ser unidade, rede de relações tenderia, como consequência coerente, para a necessidade de enveredarmos pela construção de uma sociedade nova que faça do reconhecimento, de facto, dos direitos humanos e bióticos a sua marca de identidade.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos tem sido, sem dúvida, uma conquista recente (1948) mas esta declaração não nos assegurou a sua realização, não há mecanismos internacionais capazes de zelar para que assim seja. A referida Declaração no seu artigo 1º diz: *Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.* Este deveria ser o critério primordial na hora de discernir e medir a autenticidade de toda a política e, consequentemente, de todo o poder económico, local, nacional ou globalizado. Este critério emerge das entranhas do ser humano, é universalmente válido e a ele estão subordinados todos os modelos económicos.

Sem dúvida que a Declaração dos Direitos Humanos de 1948 e os seus posteriores acrescentos, até 2000, em que são declarados os direitos da Terra, pressupõem uma grande conquista da humanidade na sua consciência ética, mas sabemos sobejamente que, em grande parte, esta declaração se ficou por aí, como declaração. Esta declaração não se converteu em política real.

A nossa política actual é escrava de uma economia global errada que considera natural a desigualdade e a injustiça e confere autoridade a umas minorias para enriquecer, em muitos casos, de uma forma criminosa e dispor dessas fortunas sem ter em conta os gravíssimos problemas e injustiças que a mesma política fomenta e/ou permite.

Sílvia Escobar, perita nos temas de análise de direitos humanos³⁰, numa conferência que fez em finais de 2015, salientava a flagrante violação sistemática dos direitos humanos no mundo e em todos os países chamados desenvolvidos. Realça ainda a violação dos direitos humanos a nível mundial. Outro grande capítulo seria descobrir em cada país como é que os respectivos governos defendem, de facto, estes direitos.

³⁰ Sílvia Escobar nasceu a 13 de Setembro de 1943 em Madrid, é sócia fundadora e primeira presidente da Secção Espanhola da Amnistia Internacional (1976-1982).

O problema da fome no mundo

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os países em desenvolvimento, cerca 900 milhões de pessoas estão subalimentadas. Nasceram por ano, 20 milhões de crianças com insuficiência de peso. A fome é, certamente, uma pandemia que poderia ser eliminada. Bastaria uma aplicação de 100 milhões de dólares por ano, algo perfeitamente possível. A fome é, pois, devida a uma injustiça e à indiferença. A nossa geração poderia ser testemunha do desaparecimento da fome na Terra. No entanto, duzentos milhões de famílias sobrevivem com 1 dólar por dia; 100 milhões de pessoas vivem com 50 centavos por dia e morrerão se não actuamos urgentemente.

O Instituto para a Investigação de Políticas Alimentares avalia em 14 000 milhões de dólares o investimento adicional necessário para cumprir os objectivos do Milénio, mas não o conseguem. Para salvar a banca internacional foram investidos muitos biliões de dólares.

Conhecemos estes dados mundiais alarmantes e também o índice de pobreza no nosso país?

Apoiamos com os nossos votos a quem nos beneficia pessoalmente ou aqueles que apostam em diminuir a pobreza no mundo e nosso país? Lemos os programas eleitorais para poder comparar as propostas em relação a este gravíssimo problema?

Persistência da pena de morte

A Amnistia Internacional afirma que entre 20 000 e 27 000 pessoas continuam a ser condenadas à pena capital em todo o mundo; 128 países aboliram esta pena na sua legislação ou na prática. Muito se tem avançado desde que em 1977 a Amnistia Internacional convocou uma importantíssima conferência contra a pena capital em Estocolmo. Desde então, mais de quarenta países aboliram a pena de morte. Mas países muito importantes tal como a China, os Estados Unidos e o Irão ainda a mantêm.

Conhecemos, para depois podermos denunciar, os diversos “negócios” dos nossos governos com países que mantêm a pena de morte?

Prostituição e tráfico de seres humanos

Nas suas estimativas sobre prostituição e tráfico de seres humanos, o Departamento de Estado dos Estados Unidos calcula que, anualmente, entre 600 000 e 800 000 pessoas estão sujeitas ao tráfico, através das fronteiras internacionais; 80% são mulheres e jovens e 50% são menores. *Free the Slaves* (Liberdade para os Escravos) calcula que desta exploração são obtidos lucros

calculados em 32 milhões de dólares por ano. A prostituição, seja para fins de exploração sexual ou laboral, é o negócio ilícito mais lucrativo do mundo, depois do tráfico de armas e de droga.

Que consciência temos deste problema, a nível mundial e no nosso país? Justificamos e/ou defendemos a prostituição sem ter em conta as condições em que “trabalham” essas mulheres?

Exigimos um debate sério, colocando no centro do problema as protagonistas para procurar uma solução justa e um castigo exemplar para os escravizam e traficam as suas vidas?

Persistência da tortura

Durante o ano passado, a Amnistia Internacional apresentou casos documentados de tortura e outros tratos cruéis, inumanos e degradantes em mais de 81 países. No mesmo período, a Organização Mundial contra a Tortura (OMCT) prestou assistência a 111 vítimas de tortura, calculando existirem 812 casos em 25 países. Entre os abusos mais escandalosos e humilhantes que ultrapassaram as humilhações a que foram sujeitos os presos da prisão de Abu Ghraib, reveladas pelo jornalista Seymour M Hersh, por soldados norte-americanos no Iraque. Mas a tortura é uma infâmia clandestina que ocorre em todo o mundo.

Objectores de consciência

Pelo menos em 45 países estão encarcerados objectores de consciência, pessoas que não usaram violência nem a defenderam, presos em muitos casos por acções que não constituem delito em numerosos países.

Sabemos que com certa frequência a Amnistia Internacional publica relatórios rigorosos com dados dos países onde persiste a tortura, o assassinato, os presos de consciência? Conhecemos esses documentos, lemo-los, divulgamo-los, assinamos para denunciar estes atropelos, pedimos contas aos responsáveis políticos do nosso país pelas relações comerciais com ditaduras, com governos assassinos que torturam e matam? Estamos informados sobre se no nosso país se pratica a tortura?

Discriminação

Embora os homens e as mulheres sejam teoricamente iguais, as discriminações contra as mulheres ocorrem em toda a parte, começando nos nossos países, por exemplo, com salários diferentes para trabalho igual.

A mutilação genital feminina é praticada em numerosos países. Calcula-se que em África haja 92 milhões de mulheres e jovens de mais de 10 anos – o que é facilmente admitido – foram objecto de mutilação genital.

Que consciência temos desta discriminação? Alguma vez nos juntámos a acções de denúncia e que outras manifestações desta discriminação encontramos no nosso país?

Quanto à homossexualidade, existe ainda perseguição em 70 países do mundo, e em alguns é castigado com a pena de morte.

Também os albinos em alguns lugares do mundo são perseguidos, porque o albinismo é considerado uma maldição em muitas regiões de África.

Cada um de nós interiorizou o direito de todas as pessoas viverem a sua sexualidade, na base da sua identidade sexual?

Denunciamos, protestamos, manifestamo-nos perante qualquer agressão física, verbal, comportamental com as pessoas homossexuais, transsexuais?

A violência contra as mulheres é causa de maior número de mortes do que a guerra e as doenças, e é uma pandemia em muitos lugares do mundo, inclusive, nos nossos. No Egipto, por exemplo, durante os seis primeiros meses do ano, moeram à mão dos maridos ou familiares mais de 200 mulheres, enquanto a violação é usada como arma de guerra em numerosos países, sobretudo em África.

A quantas manifestações, concentrações nos unimos para denunciar a violência machista?

Liberdade de expressão

A organização Repórteres Sem Fronteiras, por seu lado, estimava em 137 jornalistas e 60 o número de ciber-dissidentes encarcerados por fazerem o seu trabalho. Esta organização registou, desde 1992, a morte de mais de 500 jornalistas assassinados por mafias ou sicários de políticos corruptos. Em mais de 70 países há restrições à liberdade de expressão e de imprensa. O Iraque, onde morreram assassinados 212 jornalistas desde 2003, é o país mais letal para exercer esta profissão, para além do crime que supõe o assassinato de informadores.

Estamos conscientes da manipulação da informação no nosso próprio país (os meios de comunicação espanhóis estão na mão dos bancos) e no mundo inteiro?

Refugiados e deslocados

Cerca de 200 milhões de pessoas vivem fora do seu país de origem, ou seja, 3% da população mundial, segundo a Organização Internacional sobre as Migrações. Do total, o Alto Comissariado para os Refugiados, o ACNUR calcula que existem mais de 45 milhões de refugiados no mundo, o maior número desde 1994.

Segundo os dados do ACNUR calcula-se também que quase seis milhões de pessoas têm a condição de apátridas, embora o total real se estime em 15 milhões.

Quantas vezes nos mobilizamos para protestar contra esta indecência? Continuamos a comprar produtos que já sabemos que são fabricados em condições de escravatura?

Educação

Mais de 70 milhões de crianças no mundo inteiro não são escolarizados, segundo dados da ONG Educação Sem Fronteiras, e 23 países correm o risco de não alcançar a universalização da educação nos próximos anos, como é proposto nos Objectivos do Milénio da ONU. As Nações Unidas elevaram o número de menores sem escolaridade para mais de 100 milhões, em que 3/5 são meninas; 2/3 dos 800 milhões de analfabetos do mundo são mulheres.

Saúde, desemprego, trabalho forçado, propriedade intelectual, meio ambiente

Segundo, a Organização Mundial de Saúde (OMS), dos 136 milhões de mulheres que darão à luz este ano cerca de 58 milhões de mulheres não terão assistência médica de nenhum tipo durante o parto e pós-parto, o que coloca em perigo as suas vidas e a dos filhos.

O desemprego é outro drama de que estamos plenamente conscientes. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) calcula que o número de desempregados no mundo poderia alcançar os 210 milhões e que mais de 12 milhões de pessoas realizam o seu trabalho em condições de trabalho forçado, sob ameaça ou coacção, inclusive nos países mais ricos. Perto de 20% das vítimas de trabalho forçado estão sob a tirania de Estados (como Myanmar ou Coreia do Norte) ou de grupos militares (como é o caso de conflitos africanos).

Nos últimos 30 anos, foram destruídos 700 000 Km² de selva amazónica pelo comércio de madeiras preciosas, pela agricultura e criação de gado. A desflorestação destrói as condições de vida de perto de 20 milhões de pessoas, bem como a zona de maior biodiversidade do planeta.

O reconhecimento dos direitos humanos, pelo menos em teoria, tem vindo a crescer na sociedade. Outra coisa é o que falta fazer para os tornar reais e efectivos.

OS DIREITOS NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE E DA BIODIVERSIDADE

Outro tema importante que afecta directamente a questão dos direitos humanos e que está por resolver é o reconhecimento da igualdade de condições de outras culturas distintas da cultura ocidental.

É para nós muito difícil tomar consciência de que a nossa maneira de entender a racionalidade, a cultura, a ciência é assimétrica, injusta e hierarquizada até do seu ponto de partida. Sem essa consciência não poderemos chegar a um autêntico diálogo intercultural, se não reconhecemos o direito de todas as culturas serem valorizadas e reconhecidas como tal.

Há já tempos que **Boaventura Sousa Santos**³¹ vem denunciando esta situação reclamando **um novo paradigma da racionalidade**³², **melhor ainda, falar de novas racionalidades**³³. Este autor proclama a necessidade de **des-construir a lógica de conhecer** que provocou modos de produção de não existência, isto é, uma lógica que produz ausências (processos de invisibilidade social) sociais³⁴, dificulta pensar o diferente, o alternativo e o plural e traz formas de pensamento

³¹ SANTOS, Boaventura de Sousa (2009), *Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación social*. México, Ed. Siglo XXI CLACSO.

³² MARTINEZ MIGUÉLEZ, M. (2011) a.c. p.3. Os sublinhados são meus.

³³ Para ampliar esta perspectiva, VILLAR, S., (1997), *La nueva racionalidad. Comprender la complejidad con métodos transdisciplinares*, Barcelona, Ed. Kairós; MARTÍNEZ MIGUÉLEZ, M., (1997), *El paradigma emergente: hacia una nueva teoría de la racionalidad científica*, México, Ed.Trilla; (2011), *Paradigmas emergentes y ciencias de la complejidad*, Opción, Año 27, Nº. 65, pp. 45 – 80; SOTOLONGO CODINA, P., *La complejidad y el nuevo ideal de racionalidad*, cap.II de SOTOLONGO CODINA, P. DELGADO DIAZ C., (2006) *La revolución contemporánea del saber y la complejidad social*, Buenos Aires, Col Campus virtual de CLACSO. Também na net: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/soto/cap.2.pdf>.

³⁴ Não é este o lugar para desenvolver esta lógica, que Boaventura descreve com detalhe no livro citado anteriormente, mas não resisto a dar umas pinceladas de essas 5 lógicas, porque inconscientemente as vivemos: A primeira lógica deriva da monocultura do saber e do rigor do saber. Consiste ena transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente. Tudo o que o cânone não legitima ou não reconhece é declarado inexistente. A não existência assume a forma de ignorância ou de incultura. A segunda lógica baseia-se na monocultura do tempo linear ascendente, a ideia segundo a qual a história tem sentido e direcção únicos e conhecidos. Esta lógica produz não existência (invisibilidade) declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico e diferente relativamente ao que é declarado avançado. A terceira lógica da classificação social se assenta na monocultura da naturalização das diferenças. Consiste na distribuição (estratificação) das populações por categorias que naturalizam hierarquias. A classificação racial, a classificação sexual, a estratificação económica são as manifestações mais significativas desta lógica. De acordo com esta lógica, a não existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável enquanto natural. Quem é inferior, é-lo porque é insuperavelmente inferior, e, por conseguinte, não pode constituir uma alternativa credível face a quem é superior. A quarta lógica é a lógica da escala dominante. Na modernidade ocidental a escala dominante aparece sob duas formas principais: o universal e o global. No âmbito desta lógica, a não existência é produzida sob a forma do particular e do local (o provinciano). A quinta lógica de não existência é a lógica produtivista e se baseia na monocultura dos critérios de produtividade capitalista. Segundo esta lógica, a não existência é produzida sob a forma do improdutivo, a qual, aplicada à natureza é esterilidade e aplicada ao trabalho, é preguiça ou desqualificação profissional. Estas cinco lógicas legitimadas por la racionalidade têm como categorias de qualificação não que não tem em si mesma “lógica” como ou ignorante, ou residual, o inferior, o local e o improdutivo.

e acção lineares, hierárquicas, hegemónicas e geracionais e que geram, portanto, a discriminação injusta, negando a cada cultura o seu direito a ser o que é, valorizando as suas contribuições e maneiras diferentes de entender a racionalidade, a ciência, a cultura.

Neste campo do reconhecimento de direitos, a **Carta da Terra constitui um passo importante para que seja reconhecido o direito do planeta à sua biodiversidade** e ao respeito pelos seus ritmos vitais, mas ainda não é uma realidade na nossa consciência de que, nós, **seres humanos, não somos os únicos sujeitos de direitos no planeta.**

Há já uns anos, num interessante documento sobre a educação do futuro, Morin falava da necessidade de uma nova educação focada numa **nova consciência planetária e isto pressupõe reconhecermos que muito nos falta para admitir que os humanos não são os únicos sujeitos de direitos no nosso planeta.** É difícil para nós reconhecermos que temos de partilhar direitos com outros habitantes do planeta. Não conseguimos entender-nos como herdeiros de um largo processo evolutivo do cosmos e, por consequência, continuamos a sentir-nos estranhos a ele.

O alargamento da nossa consciência holística não consiste apenas em sabermos que somos humanidade, mas também em reconhecer a nossa relação fundamental com tudo o que vive, logo, **sujeitos de deveres e de responsabilidades sobre a biosfera.** É nossa obrigação trabalhar para manter a trama da vida. Toda a vida do cosmos tem direito de existir e a continuar a existir, para além do nosso próprio benefício. *A religião deve substituir a disjunção e apelar à “simbiosofia”, a sabedoria de vivermos juntos (...). A educação do futuro deverá ensinar uma ética da compreensão planetária*³⁵.

Esta perspectiva ajudar-nos-ia a educarmo-nos numa perspectiva mais biocêntrica e, portanto, a ir caminhando para um novo paradigma ecológico, para uma nova consciência ética da responsabilidade e para o cuidado da terra e da humanidade.

Este é um grande desafio educativo para todas as idades.

Como colaborar, partindo da nossa vida quotidiana e nos nossos países para tornar realidade a defesa dos direitos?

Este é o desafio que temos no horizonte: **como colaborar para fazer a transição entre o sistema actual de mercado, onde tudo é mercadoria, para um sistema de sustentabilidade de todas as formas de vida,** para uma distribuição equitativa dos bens, uma busca de equidade como fim, um olhar novo que nos permita descobrir como formar parte da família humana, da comunidade biótica e, por consequência, com o dever de defender os direitos de todos.

³⁵ Ibidem 45

Como passos prévios, necessitamos de lutar dentro deste sistema vigente por leis mais ecológicas e justas, por uma distribuição equitativa dos bens e serviços que temos produzido, por praticar uma cultura de cuidado, da sustentabilidade e da responsabilidade colectiva, por trabalhar para que os direitos das pessoas e da comunidade biótica sejam respeitados e por um sentido espiritual da vida.

Até que seja uma realidade a mudança de sistema, necessitamos de “nos envolver” nos movimentos e plataformas sociais que procuram *proteger e salvaguardar “o comum”*, ou seja, *fazer prevalecer as necessidades da população*³⁶ sobre o consumo do supérfluo e ligar entre si as diversas experiências de resistência à privatização e à escassez artificialmente imposta.

Esta defesa do comum tem muitas concretizações possíveis. Enumero algumas:

É urgente unimo-nos ao clamor crescente da sociedade **que reclama** aos poderes políticos *uma mudança profunda em relação à política fiscal*, pedindo, por um lado, um modelo mais justo e progressivo (como propõe a Plataforma por uma Fiscalidade Justa³⁷) e, por outro, a urgência de *procurar fórmulas que regulem – arbitrem – onerem* as transacções económicas e financeiras de carácter internacional: que terminem com os paraísos fiscais, que em todas as economias seja aplicada a taxa Tobin e que impeçam os abusos das grandes empresas transnacionais, da banca e das agências de “rating” reclamando a devolução do dinheiro obtido por fraude ou roubado aos contribuintes.

Outra reclamação em torno da qual nos podemos unir está a relacionada com a dívida pública, pedindo, como fizeram outros países que seja feita uma auditoria da sociedade civil sobre a mesma para que possa avaliar as responsabilidades que recaem sobre os cidadãos e debater depois a legitimidade ou não de a pagar e, sobretudo, as condições para o fazer³⁸. Há direito para que o esbanjamento e/ou má gestão dos bancos seja pago pelos cidadãos?

Não podemos ficar indiferentes perante a febre de privatizações, própria do sistema neoliberal, mas devemos unir-nos aos movimentos sociais para delas tomarmos consciência e as

³⁶ Dentro das chamadas “economias críticas”, é muito sugestiva a contribuição dada, há já vários anos, por um grupo de investigadores de diversos países da América Latina (Chile, Uruguai, Bolívia, Colômbia, México, Brasil), Canadá e Suécia, num trabalho transdisciplinar, onde desenvolvem a teoria de uma nova compreensão do “sistema económico”, *partindo da perspectiva de definição das necessidades básicas* incluídas num contexto social e ecológico. No seu estudo, distinguem entre as necessidades humanas finitas e identificáveis pelos “agentes que satisfazem essas necessidades” que podem ser muitos e deveras variados. Esta importante contribuição pode ser lida em MAX-NEEF, M.A. y otros (1994), *Desarrollo a la escala humana*, Barcelona, Icaria Editorial.

³⁷ www.fiscalitatjusta.cat

³⁸ Plataforma Auditoria Ciudadana da la Deuda: <http://auditoria ciudadana.net>

divulgarmos, nas variadas e criativas iniciativas: as moedas sociais de roupa reciclada, redes de reutilização de objectos, bancos do tempo que propõem³⁹:

- ◆ *Exigir uma revisão das relações salariais* para aumentar o salário mínimo e estabelecer margens mais equitativas dentro das empresas;
- ◆ *Partilhar o emprego, reduzindo a jornada laboral, com o objectivo de diminuir o desemprego e libertar horas para realizar outras actividades criativas e relacionadas com o cuidado*⁴⁰;
- ◆ *Estabelecer um rendimento básico de cidadania baseado no direito de todas as pessoas terem o imprescindível para cobrir as suas necessidades vitais*⁴¹;
- ◆ *Não permitir os despejos sem uma alternativa de alojamento e sem rever as cláusulas das respectivas hipotecas*;
- ◆ *Exigir leis que proporcionem a igualdade entre homens e mulheres em direitos e oportunidades.*

Nesta mesma linha de travar a mercantilização da vida, podemos unir-nos aos movimentos de cidadãos que exigem a soberania alimentar, definida como “o direito dos indivíduos, povos, comunidades de definirem as suas políticas e estratégias agrícolas e alimentares para a produção e distribuição sustentável de alimentos⁴²”. Dentro desta reivindicação de soberania alimentar estão muitas iniciativas para favorecer o consumo local, explorações familiares, procura de fórmulas para garantir o acesso à água e a terra, o aumento de cooperativas entre produtores e consumidores agro-ecológicos, redes de intercâmbio de sementes autóctones⁴³

5.3. PARA UMA CIVILIZAÇÃO DO CUIDADO

³⁹ Para podermos descobrir a criatividade de iniciativas da sociedade civil:

[Http://www.viveroiniciativas ciudadanas.net](http://www.viveroiniciativas ciudadanas.net)

⁴⁰ Ver a proposta completa em NEW ECONOMICS FOUNDATION, (2012) *21 horas. Una semana laboral más corta para prosperar en el siglo XXI*, Barcelona, Ed. Icaria.

⁴¹ Para poder aprofundar esta proposta que, cada vez mais, grupos políticos estão a incluir nos seus programas: RAVENTÓS, (2013), “Por qué urge una renta básica en plena crisis”, *Alternativas económicas*, nº 3, pp.40-41 e em www.redrentabasica.org; www.rendagarantidaciudadana.net/index.php/es/pagina-de-inicio/

⁴² MATEOS, O., SANZ, J. (2013) OP. CIT. P.22

⁴³ Sobre a soberania alimentar, explicação e como promovê-la. <http://www.cristianismeijusticia.net/sites/> e em www.cristianismeijusticia.net/files/p237.PDF.

A sociedade actual é atingida por um grave problema: a falta de cuidado, de um modo especial, pelos seres humanos mais pobres, doentes, desfavorecidos, mas também a biodiversidade, o planeta Terra está em perigo. Não é só a humanidade que está ameaçada, mas do mesmo modo todo o ecossistema.

Leonardo Boff é talvez um dos representantes mais autorizados no tema do cuidado. Escreve sobre este assunto há mais de 20 anos, alertando para o problema que a falta de cuidado implica para a nossa civilização e para a Terra.

Nos seus escritos realça o facto de nos encontrarmos perante uma situação grave de crise de uma civilização que reclama um novo paradigma de convivência. A crise de civilização está ligada a um difuso mal-estar generalizado que se revela sob o fenómeno do descuido, da indiferença, do abandono...*numa palavra, na falta de cuidado*⁴⁴.

Na actual situação torna-se urgente criarmos *um novo paradigma: o paradigma do cuidado*, que se opõe ao da dominação.

O cuidado é aquela relação amorosa que se preocupa e se responsabiliza pelos outros seres humanos, por toda a vida do planeta, que se deixa envolver pela vida nas suas múltiplas formas, que mostra solidariedade e compaixão, cura feridas passadas e previne feridas futuras, antevê onde há ameaças para a vida e onde se atea a vida nova para a acolher.

Cultivar uma espiritualidade de cuidado não é dedicar aos outros uns momentos da vida, mas cultivar uma atitude cuidadora, um “modo-de-ser-cuidado”, tal como o propõe Leonardo Boff nas suas múltiplas publicações⁴⁵. Um modo de ser que se torne autêntico na maneira de nos situarmos na realidade, na forma de valorizar o que realmente é importante, em não colocar a eficiência e a eficácia acima da ternura, da gratuidade, do desvelo.

A consciência-experiência de Ser Rede, nó de relações, elo de ligação é o que tornará possível um novo *ethos* mundial partilhado por todos, capaz de unir os seres humanos para além das suas diferenças e culturas, sentindo-nos, de facto, como filhos e filhas da Terra que amam e respeitam sua Mãe⁴⁶.

O cuidado procura no diferente a complementaridade, a reciprocidade, a amabilidade e harmonia essencial do Mistério e da vida. Podíamos dizer que “o cuidado essencial” nos leva a passar da sacralização das diferenças para a sacralidade do outro. É também fonte e caminho para a interculturalidade que encontra na diversidade cultural oportunidades de

⁴⁴ Boff, L., *El cuidado esencial. Ética de lo humano compasión por la tierra*. Trotta, 17-28.

⁴⁵ Dois livros fundamentais seus: BOFF, L., (2002) *El cuidado esencial*. op.cit; (2012) *El cuidado necesario*, Madrid, Ed. Trotta.

⁴⁶ BOFF, L., (2009) “*La Tierra como Gaia: Un desafío ético y espiritual*”: Concilium nº 331, pp.355-364,363.

complementaridade, mais que perigos contra a afirmação absolutista, onipotente, infantil e narcisista de uma identidade própria fechada ao intercâmbio, à procura do comum e à redefinição evolutiva e histórica da própria identidade.

A interculturalidade é o contexto adequado para falar de uma espiritualidade do cuidado, para que esta não se transforme num olhar narcisista do próprio, esquecendo outros espaços, lugares e países que, pela sua situação de empobrecidos, seriam temas prioritários. Sem este contexto, o cuidado pode converter-se em autodefesa do próprio, desvirtuando, assim, a sua essência que foca mais atenção e amor onde há mais carência e/ou necessidade.

Tal não significa que não tenhamos de praticar o autocuidado, o cuidado dos nossos entes queridos, dos próximos e dos vizinhos, das pessoas feridas de muitas e diferentes maneiras. Também precisam dos nossos cuidados os animais, as plantas, as coisas... as tarefas, os projectos, etc., mas sem reduzir a cultura do cuidado a estas realidades e, por outro lado, sem reduzir a cultura do cuidado a estas realidades embora muito importantes.

Este mundo em emergência encarado como oportunidade convoca-nos para uma atitude para cultivar uma espiritualidade, educação e ética do cuidado enquanto caminho para a paz e continuidade da humanidade no planeta Terra.

Ainda estamos longe, mas todos os dias brota com força dos diferentes povos, culturas, grupos...um clamor que pede uma espiritualidade ecológica do cuidado de todas as formas de vida.

Se queremos sobreviver, necessitamos de trabalhar por uma sociedade da sustentabilidade de toda a vida regional e planetária, um modo de vida sustentável.

De um modo especial, cientistas, ecologistas e, há pouco, o próprio Papa Francisco nos fizeram o apelo para respeitarmos e cuidarmos da nossa casa comum.

Concomitantemente à realidade de uma sociedade de crescimento industrial que faz da Terra gaveta/caixote de munições e contentor de lixo, pondo em perigo o futuro da espécie humana, **crece também a influência** dos grupos ecologistas e pessoas conscientes que **nos alertam** para o facto de podermos estar face a uma situação sem retorno.

Este grito está a partir sobretudo da população onde cada vez mais pessoas exprimem e vivem a sua preocupação e o cuidado da Terra, o esforço por reciclar, cuidar dos recursos naturais, protestar contra a falta de inversão nas fontes alternativas de energia.

A consciência da profunda crise ecológica em que estamos mergulhados vai levando a sociedade (e muito lentamente) a que alguns governantes tomem a sério uma nova consciência ecológica

mundial, libertadora e solidária. Esta consciência vai favorecer não só *uma ética planetária que promove o cuidado do ecossistema e da biodiversidade* do planeta, mas também uma “eco-espiritualidade” que vai nascendo em algumas pessoas, ampliando, assim, a crescente consciência de que “o ser humano encontra a resposta comprometido numa solidariedade de origem e destino com todos os outros seres do universo”⁴⁷. Reclama também uma redefinição da nossa relação com a natureza e o tipo de civilização planetária que queremos construir. Um paradigma de convivência Terra-Humanidade.

Várias instâncias pedem uma Declaração do Bem Comum da Humanidade e da Terra que oriente ética e espiritualmente o sentido da vida. Cultivar uma espiritualidade ecológica afectará profundamente a nossa maneira de pensar, de compreender e de valorizar a realidade. Leonardo Boff avisa-nos que *se queremos sobreviver, temos de inaugurar a Sociedade de Sustentação de toda a Vida* ou seja, trabalhar apoiando a vida à escala regional e planetária, tanto nos recursos que consumimos como nos resíduos que produzimos. A sua proposta é em prol de “um modo de vida sustentável” a todos os níveis⁴⁸. Esta proposta ajuda-nos a sentirmo-nos cidadãos do mundo e, portanto, a descobrir pela experiência que o planeta Terra é a nossa casa comum, a única que temos para viver. Por isso, é importante cuidar dela, torná-la habitável para todos, conservá-la na sua generosidade e preservá-la na sua totalidade e esplendor.

A urgência de uma espiritualidade política

Termino com a mesma afirmação do começo: a espiritualidade ou é “política” ou corre o perigo de converter-se em espiritualismo, e a política ou é ética e defende o bem comum ou é uma prostituição da mesma.

Chegou o momento de unir ambas as realidades de um modo urgente e inseparável, deixando de as considerar como um lugar para os profissionais para as encarar como uma responsabilidade pessoal. Uma responsabilidade que brota do sentir profundo (*pathos*) que nos obriga a escutar o grito da Terra e o clamor pungente de milhões de famintos.

⁴⁷ Boff, L. (1996), *Ecologia. Grito de la Tierra grito dos pobres*. Madrid, Ed. Trotta, p.37. Nesta obra Leonardo desenvolve de forma clara e sistemática o advento da chamada “Era ecológica” com uma abundante e actual bibliografia desfiada através das notas. Numa perspectiva da teologia espiritual feminista e de uma leitura inovadora ecológica e não hierárquica do Génesis: CF. PRIMAVESI, A. (1995), *Del Apocalipsis al Génesis. Ecología, Feminismo, Cristianismo*, Ed. Herder.

⁴⁸ BOFF, L. *Sostenibilidad y cuidado: un camino a seguir* www.servicioskoinonia.org/boff/201106-1

Devemos impor a nós próprios como missão irrecusável a concretização da grande transição de uma cultura de imposição para uma cultura de conciliação, de uma economia de guerra para uma economia de desenvolvimento global, de uma atitude de súbditos para a assunção de um papel de cidadãos plenos e participativos. Em suma: temos de fazer valer a força da palavra. Mas há que assumir que sem a contribuição individual de cada um não há horizonte colectivo. Estou a falar de recuperar a política, a que perdeu sentido para muitas pessoas, mas, sem a qual nos vemos a aproximar do abismo. Faço minhas as palavras de Leonardo Boff: temos hoje a profunda esperança de que, finalmente, o século XXI será o século das pessoas, da emancipação dos cidadãos, da voz do povo, da passagem de súbditos invisíveis, anónimos para interlocutores, actores da nova governança.

Por fim, o século XXI pode ser o século no qual todos os habitantes da Terra, sem excepção, que educados e plenamente *capazes de dirigir com sentido a sua própria vida*, deixarão de ser espectadores resignados e impassíveis para se converterem em agentes da construção, assentes sobre os sólidos fundamentos de princípios universais partilhados, de genuínas democracias à escala local e planetária.

Vivemos num **mundo em emergência global** entendida como *perigo e esperança do novo que está a emergir*. Acaba um tempo e um mundo novo quer emergir, mas não vai nascer sem a nossa colaboração. Nascerá através de nós, as mulheres e homens, que estejamos dispostos a colaborar com o bem comum, com o cuidado de **toda** a vida e tal pressupõe a luta contra todos os mecanismos de morte presentes neste momento histórico. E isto é o que exige, de um modo inquestionável, **viver uma espiritualidade política**.

É urgente **cultivar uma espiritualidade política**, uma maneira de estar na realidade e de **organizar a gestão e governo da polis** que desmonte a miragem da separação, que faça **do bem comum** o centro dos esforços e preocupações e da **protecção de toda a vida** a paixão e a urgência.

Chegou a hora de **integrar** a espiritualidade na política e de os grupos e pessoas conscientes se comprometerem politicamente na gestão da vida em comum, da justiça e da paz.

Termino fazendo minha a súplica do Papa Francisco: *Rogo ao Senhor que nos dê mais políticos que se preocupem de verdade com a sociedade, com o povo, com a vida dos pobres*⁴⁹

⁴⁹ *Evangelii Gaudium*, 205.

6. JESUS DE NAZARÉ:

UM HOMEM QUE VIVEU UMA AUTÊNTICA ESPIRITUALIDADE POLÍTICA

Eu era galileu e filho de um artesão. A minha pequena pátria era a Galileia, a rebelde, no coração de um país dominado pelo Império Romano, sujeito ao controlo político e à espoliação económica. Sabia muito bem de que falava quando descobri os romanos como “chefes das nações” que governam os povos como “senhores absolutos” que os “oprimem com o seu poder”⁵⁰.

A maioria dos meus vizinhos mal viviam, trabalhando a terra (que em muitos casos não era deles) e pelos seus frutos também tinham de pagar impostos. Outra parte da população, a que habitava próximo do lago da Galileia dedicava-se à pesca. A sua situação económica não era melhor que a dos camponeses, porque também eram controlados pelos cobradores de impostos de Herodes Antipas, que impunham tributos, impostos, dízimos e taxas sobre direitos de pesca e utilização dos cais. A carga total era asfixiante. Muitas famílias pagavam um terço em tributos e impostos ou a metade do que produziam ou pescavam.

A construção das cidades de Séforis e Tiberíades abriu ainda mais a brecha económica: eu fui testemunha do crescimento da desigualdade que favorecia a minoria privilegiada destas cidades, o que provocava mais insegurança, mais pobreza e a desintegração de muitas famílias camponesas. Cresceu o endividamento e os mais fracos perderam as suas terras. Os tribunais das cidades poucas vezes apoiavam os camponeses. Aumentou o número de indigentes, de jornaleiros, de prostitutas. Eram cada vez mais os pobres e famintos que não podiam desfrutar da terra oferecida por Deus ao seu povo.

Vendo e sofrendo esta realidade, especialmente depois da experiência do Jordão e de saber-me de um modo novo filho amado, fazendo parte da mesma realidade de Deus⁵¹ e da humanidade⁵², já não conseguia continuar na mesma: tinha chegado o momento de empenhar a minha vida, comprometer-me para sempre, entrando em cheio no que experimentei como projecto de Deus: acolher o seu amor incondicional e compassivo, deixar-me transformar por ele, e entregar a minha vida para tornar realidade um mundo mais justo e pacificado - a que eu chamei o Reino de Deus que, em definitivo consistia em tornar verdadeira, efectiva, na história, a filiação e a fraternidade.

A minha grande paixão foi levar a minha gente a compreender esta radical novidade: não se tratava de fazer penitência, fazer jejuns e cumprir prescrições, ir ao templo ou cumprir a Lei sem

⁵⁰ Mc 10, 42

⁵¹ Jo 10,30, 14,10-11.

⁵² Mt 25, 40,45.

entrar na dinâmica do Reino de Deus que já está entre nós, acolher a alegria e a surpresa do Seu amor incrível por cada um dos seus filhos e filhas, em todas as situações⁵³.

Pouco a pouco, fui sentindo no meu coração que esta paixão que sentia pela justiça, pela saúde, pelo bem-estar das pessoas e pela sua felicidade era a paixão de Deus.

Encheu-me de alegria compreender que o que a mim me fazia feliz que era trabalhar pela felicidade de todas as pessoas, mas de um modo especial pelos que passavam pior, era o Deus que sonhava para humanidade. Essa era a melhor boa notícia que podia partilhar com a minha gente.

Desde essa experiência já não conseguia viver senão para tornar verdadeira esta convicção profunda. A minha paixão, a causa a que me dediquei, pela qual vivi e lutei, pela qual, em definitivo, fui perseguido e assassinado foi o Reino de Deus. O centro da minha vida não foi só Deus em Si mesmo, mas Deus com o seu projecto sobre a humanidade, sobre a criação, sobre a história. Voltei a descobrir que amar a Deus era experimentar nas entranhas a fome e sede de justiça que já os profetas da minha terra nos tinham pregado.

Era “ver” a opressão do seu povo, escutar os seus gritos de dor e procurar o modo de trabalhar para a sua libertação.

Dediquei-me a pregar esse Deus que sonha com um mundo justo, fraterno, sem ódios nem guerras. Não convidava as pessoas para uma nova religião, mas para “entrar” na dinâmica do Reino. Uma dinâmica que punha em questão o sistema político, económico, social e religioso do meu país. Aquele mundo justo e fraterno que sonhava tornar realidade tinha um “lugar” privilegiado para começar a construí-lo: pelos últimos. Sonhava em colocar a humanidade a olhar nesta direcção, distribuindo ternura, compaixão e cuidado, mudando as estruturas que impediam que as pessoas, de um modo especial, as que mais precisavam, fossem o centro prioritário de atenção.

Mas dei-me conta de que eu não podia fazer isto sozinho, precisava de gerar um movimento de homens e mulheres do povo que conheciam bem o sofrimento para ajudar os outros a tomarem consciência de que tinha chegado a hora de acolher no seu coração e realizar já na história o Reino de Deus.

Desde o primeiro momento que me rodeei de amigos e amigas e, pouco a pouco, os fui “enredando”, querendo contagiar-lhes a mesma paixão: o Reino de Deus já está aqui, há que acolhê-lo e torná-lo realidade.

Foram muitas as pessoas que acolheram as minhas palavras, se entusiasmaram e, de muitas formas, apoiaram a minha actividade. Umas ofereciam acolhimento em suas casas: eram grupos

⁵³ Lc 15

de apoio para mim e para aqueles que me seguiam como itinerantes. Outros abandonaram as suas famílias para partilhar a minha vida e a minha pregação. A alguns fui-os chamando um a um⁵⁴, outros vieram a convite⁵⁵, outras, como Maria de Betânia⁵⁶, me pediram para se tornarem minhas discípulas... Pouco a pouco a rede crescia e a mim enchia-se-me o coração de nomes e de alegria.

Pus muito empenho em ir acompanhando, educando, ensinando onde radicava a origem e o fundamento da nova vida a que os convidava: descobrir que a verdade mais radical das suas pessoas, o fundo do ser que as constituía era uma Relação Amorosa, sustentadora e vinculativa. Chamar a Deus *Abba* era reconhecermo-nos vinculados para sempre na mesma vida de Deus, era descobrir a fonte do ser de tudo o que é. Deus é em tudo e tudo é em Deus. Nada está fora, nem à margem desse Amor. Por conseguinte, também cada pessoa poderia chegar a experimentar inquebrantável com toda a humanidade, com toda a criação que são uma mesma realidade com Deus, que são unidade indissolúvel com o seu Ser e, portanto, unidade irrenunciável com toda a humanidade, com toda a criação.

Eu formulei, de forma simples, para que todas as pessoas o possam compreender: Deus é um Pai amoroso que nos constitui seus filhos e filhas amados e, portanto, fazendo parte da “sua” família, ligados a ele para sempre com o vínculo da fraternidade.

Estava seguro de que, partindo desta experiência já não era possível a indiferença perante a dor e o sofrimento de ninguém nem o silêncio perante as injustiças, os atropelos, a violação dos direitos mais elementares das pessoas.

Eu sabia isto muito bem, por experiência, se me estremeciam as entranhas perante a dor do meu povo, enchia-me de indignação comprovar os abusos de poder, a injusta distribuição dos bens e a desigualdade no pagamento de taxas e impostos, a falta de justiça dos tribunais, as cargas insuportáveis de impostos que o meu povo sofria, a falta de misericórdia e de compaixão dos sumos sacerdotes, pondo fardos cada vez mais pesados sobre as pessoas. Todos os dias sentia no meu coração a necessidade de um acolhimento incondicional de todas as pessoas sem discriminação alguma, a urgência de derrubar fronteiras e muros e de construir pontes de diálogo e de compreensão.

Queria ajudar os meus seguidores e seguidoras a viverem a mesma experiência que eu tinha vivido e, partindo daqui, a sentir a mesma paixão que a mim me queimava por dentro: transformarmo-nos como pessoas para poder transformar a nossa sociedade, o nosso mundo, a nossa terra... numa grande família que vive a segurança do amor incondicional do Deus Pai-

⁵⁴ Mc 1, 16-20

⁵⁵ Jo 1, 35-51.

⁵⁶ Lc 10, 38-42

Mãe e que vai tornando completamente autênticos na história o amor dos irmãos e irmãs. Em definitivo, contagiar aquelas mulheres e aqueles homens com a minha paixão por Deus e pelo seu reino de justiça e amor.

Sabia muito bem o que é que esta paixão nos ia criar na sociedade injusta e violenta do meu tempo. Quando os fui chamando, convidando e aceitando para os envolver nesta apaixonante, mas árdua tarefa, estava consciente do preço que teríamos de pagar, da dificuldade que seria empenhar a nossa vida e ensinar aos outros a caminhar, não na dinâmica do ódio, da violência, da prepotência e do egoísmo...mas no da compaixão, do cuidado e da bondade... sem deixar de denunciara as injustiças, desmascarar as mentiras, a desumanidade de viverem indiferentes ao sofrimento da esmagadora maioria do povo.

As minhas palavras e ações denunciavam essa injusta situação: a minha firme defesa dos pobres, dos excluídos, dos famintos, o meu acolhimento preferente pelos últimos daquela sociedade, a minha clara denúncia foi um desafio público do programa sociopolítico que Herodes Antipas levava a cabo, que claramente favorecia os interesses dos mais poderosos e mergulhava cada vez mais os fracos na miséria.

Muitas vezes os meus discípulos não me entendiam, inclusive, assustavam-se com as minhas palavras⁵⁷, estavam muito conscientes, naquele contexto, de como poderia ecoar a parábola do mendigo Lázaro e do rico Epulón, que vive faustosamente, ignorando quem morre de fome à porta do seu palácio⁵⁸; a narrativa do proprietário de terras rico que só pensa em construir silos e armazéns para os cereais⁵⁹, a crítica severa que fiz a quem acumula riquezas sem pensar nos necessitados⁶⁰, as minhas insensatas proclamações ao considerar felizes os pobres, os famintos e os que choram ao perderem as suas terras⁶¹.

Também dirigi muitas das minhas exortações àqueles que me seguiam, para os convidar a partilharem a vida dos mais pobres daquelas aldeias e caminhar com eles, sem ouro, nem prata nem cobre, e sem duas túnicas nem sandálias⁶². Dividia com eles os meus apelos para serem compassivos com os que sofrem e a perdoara s dívidas⁶³, a não procurarem o poder nem os primeiros lugares⁶⁴, e que, de uma vez por todas, entendessem que aquele que serve é o mestre que lava os pés e que salvar a própria vida é arriscá-la e entregá-la⁶⁵... e tantas outras palavras e

⁵⁷ Jo 6, 60-66.

⁵⁸ Lc 16, 19-31.

⁵⁹ Lc 12, 16.

⁶⁰ Lc 16, 13; Mt 6, 24-27.

⁶¹ Lc 6, 20-21.

⁶² Mt 10, 9-10.

⁶³ Lc 6, 36-38.

⁶⁴ Mc 10, 35-45.

⁶⁵ Mc 8, 35.

acções com os quais pretendia expressar a denúncia de um modo de viver que, com a chegada do Reino de Deus, era suposto desaparecer.

Queria anunciar com paixão que o sofrimento do meu povo e o de todos os povos tinha de dar lugar a um mundo novo, mais justo, mais fraterno, onde Deus pudesse reinar como Pai; e tal antevia que tínhamos aprendido a viver como filhas e filhos, irmãos e irmãs.

O facto de nos envolvermos na tarefa de curar, aliviar, melhorar, guiar, perdoar, denunciar... em nome do Deus do amor e da misericórdia tinha de ser uma boa notícia também para a nossa nova família.

Não se tratava de cumprir algumas obrigações, mas de termos consciência de que tínhamos encontrado o tesouro escondido e, por isso, a alegria desse encontro devia ser celebrada como faziam as pessoas das minhas parábolas, a mulher que encontra a moeda⁶⁶, o pastor que encontra a ovelha⁶⁷. Não era tempo de jejuar, mas de celebrar a festa do amor, como fazem os noivos⁶⁸.

Tinha chegado o tempo de me despedir, depois de partilhar a minha experiência convosco, pessoas que fizestes este itinerário. Agora já só me resta animar-vos de todo o coração para empenhardes a vossa vida em projectos com sentido para tornarem este mundo mais justo e mais fraterno. Apaixonar-vos como eu para ajudar a dar à luz este mundo novo que aguarda a vossa colaboração.

Ainda é de noite, há tempestades, erguem-se muros de exclusão, mas também é verdade que já desponta o amanhecer de um mundo novo, que o arco-íris da paz vai unindo países e rompendo fronteiras e há cada vez mais pessoas implicadas em concretizar o que somos: uma família, uma rede de relações, unidade.

Eu, Jesus de Nazaré, um homem que acreditei que valia a pena envolvermo-nos para colaborar no surgimento de um mundo novo.

⁶⁶ Lc 15, 8-10.

⁶⁷ Lc 15, 1-7.

⁶⁸ Mc 2, 18-19.

ANEXO I

“O CORAÇÃO TEM CÉREBRO”

Entrevista realizada por Ima Sanchis a Annie Marquier, matemática e investigadora da consciência, em *La Contra de La Vanguardia*, 26 de Março de 2012.

Que o coração tenha cérebro – é uma metáfora, não?

O seu último livro *El Maestro do Corazon* diz-nos que o coração tem cérebro.

É verdade que o coração é inteligente, que há inteligência no coração?

É extraordinário. É algo que foi descoberto há pouco tempo, nos finais do séc. XX. Descobriu-se que, efectivamente, existia um sistema muito parecido com o do cérebro no interior do coração, que havia **neurónios** e interrogaram-se para que serviam.

Fazendo experiências deram-se conta de que, efectivamente, **havia circuitos que conectavam o cérebro do coração com o cérebro da cabeça** e isto foi cientificamente comprovado. E que às vezes o coração decidia e a cabeça obedecia. Quando isto acontece temos uma vida extraordinária, isto é, **o cérebro do coração funciona a um nível superior de consciência**.

Descobriu-se que o coração contém um **sistema nervoso independente** e bem desenvolvido com mais de 40 000 neurónios e uma complexa e espessa rede de neurotransmissores, proteínas e células de apoio.

Para que serve o coração? É inteligente?

Graças a estes circuitos tão elaborados, parece que o coração pode tomar decisões e passar à acção independentemente do cérebro, e que pode aprender, recordar e, inclusive, perceber.

O cérebro do coração dá-nos, a nível mental, pensamentos de uma criatividade excepcional, dá-nos genialidade. Dá-nos uma inteligência superior à da certeza cerebral, uma intuição muito especial, muito precisa. Isto, a nível mental: uma inteligência superior.

Quanto às emoções, dá-nos bondade, generosidade, fraternidade, altruísmo, compaixão, amor...

As mais belas emoções que o ser humano pode viver provêm do funcionamento do cérebro do coração. E quando o cérebro do coração funciona, quando o utilizamos, o nosso corpo físico mantém-se saudável.

Como é que o coração se conecta com a cabeça?

Existem quatro tipos de conexões que partem do coração e vão para o cérebro da cabeça.

Primeira conexão

A comunicação neurológica, mediante a transmissão de **impulsos nervosos**. O coração envia mais informação ao cérebro do que a que recebe, é o único órgão do corpo com esta propriedade, e pode inibir ou activar determinadas partes do cérebro, conforme as circunstâncias.

Quer dizer que o coração pode influenciar a nossa maneira de pensar?

Pode influenciar a nossa percepção da realidade e, portanto, as nossas reacções.

Segunda conexão

A informação bioquímica, mediante **hormonas e neurotransmissores**. É o coração que produz a hormona ANF, a que assegura o equilíbrio geral do corpo: a homeostasis. Um dos seus efeitos é inibir a produção da hormona do *stress* e produzir e libertar oxitocina, a que se conhece como hormona do amor.

Terceira conexão

A comunicação **biofísica** mediante **ondas de pressão**. Parece que é através do ritmo cardíaco e das suas variações que o coração envia mensagens ao cérebro e ao resto do corpo.

Quarta conexão

A comunicação **energética**: o campo **electro-magnético** do coração é o mais potente de todos os órgãos do corpo, 5 000 vezes mais intenso do que o do cérebro. E já se observou que muda em função do estado emocional. Quando temos medo, frustração ou stress torna-se caótico.

De acordo com esta descoberta, podemos dizer que **temos dois tipos de consciência: a consciência habitual**, a consciência inferior que não é catastrófica, mas é muito limitada, e que tem como resultado o mundo que nos rodeia hoje em dia: separação, violência, falta de amor, guerras...E temos também **outro tipo de consciência que o cérebro do coração utiliza**. E quando se utiliza o cérebro do coração temos o ser humano em todo o seu esplendor.

Isto é físico, científico e tem uma exacta correspondência com os grandes mestres da Sabedoria nos ensinaram desde há milénios. A ciência funde-se agora com as tradições espirituais, **ao reconhecer a dimensão superior do ser humano, isto é, a capacidade do ser humano para actuar em função de uma dimensão superior**. E acontece que os seres humanos estão já preparados para utilizar o cérebro do coração. Não é por acaso que esta descoberta tenha vindo à luz agora. É porque há já um certo número de seres humanos preparados.

E o coração organiza-se com as emoções positivas?

Sim. Sabemos que o campo magnético do coração se estende à volta do corpo entre dois a quatro metros, isto é, todos os que nos rodeiam recebem a informação energética contida no nosso coração.

A que conclusões nos levam estas descobertas?

O circuito do cérebro do coração **é o primeiro a tratar a informação** que depois passa pelo cérebro da cabeça. Não será este novo circuito um passo mais na evolução humana?

...?

Há **duas classes de variação da frequência cardíaca**: uma é harmoniosa, de ondas amplas e regulares, e toma esta forma quando a pessoa tem emoções e pensamentos positivos, elevados e generosos. A outra é desordenada, com ondas incoerentes.

Aparece com as emoções negativas?

Sim, com o medo, a ira ou a desconfiança. Mas há mais: as **ondas cerebrais são sincronizadas com estas variações do ritmo cardíaco**; ou seja, o coração arrasta a cabeça. A conclusão é que o amor do coração não é uma emoção, é um estado de consciência inteligente.

Já vê, **o cérebro do coração activa no cérebro da cabeça centros superiores de percepção completamente novos** que interpretam a realidade sem se apoiarem em experiências passadas. Este novo circuito não passa pelas memórias passadas, o seu conhecimento é imediato, instantâneo e, por isso, tem uma percepção exacta da realidade.

Parece ficção científica.

Está demonstrado que **quando o ser humano utiliza o cérebro do coração cria um estado de coerência biológico**, tudo se harmoniza e funciona correctamente, é uma inteligência superior que é activada através das emoções positivas.

Mas parece que ninguém o utiliza...

Apesar disso, até agora o ser humano não tem funcionado, habitualmente, com o cérebro do coração, mas com o da cabeça. **Há circuitos neuronais** que, segundo se pôde estudar, **correspondem a pensamentos limitados a emoções negativas**: medo, carência, orgulho, separação, egoísmo... São cérebros diferentes...perdão, distintos circuitos neuronais na cabeça que provocam essa forma de reagir na vida, este modo de pensar, de ter emoções. E também provocam reacções físicas, hormonais, por exemplo. É um potencial não activado, mas começa a estar acessível para um grande número de pessoas.

E como posso activar esse circuito? Que ferramentas podem ajudar-nos a mantermo-nos na consciência superior? Ferramentas que podemos utilizar na nossa vida quotidiana.

Cultivando as qualidades do coração: a abertura ao próximo, a escuta do outro, a paciência, a cooperação, a aceitação das diferenças, a coragem...

Aprender a adoptar a posição de testemunho: em vez de nos deixarmos levar de imediato pelo que pensamos e sentimos, tomemos tempo para **observar** o que ocorre no nosso interior... Que tomemos uma certa **distância** em relação aos nossos pensamentos e emoções... Assim começamos a deixar espaço à nossa alma. Estarmos **conscientes** dos pensamentos e sentimentos em vez de nos deixarmos arrastar por eles.

Logo, silenciar o nosso interior de vez em quando, meditar. A meditação é recomendada há milhões de anos...

Deter os pensamentos enquanto nos é possível. Todas as técnicas são boas, o que faz falta é a prática, todos os dias tomarmos um tempo para entrar em contacto com a alma.

Também é bom o **contacto com a natureza** que nos mostra beleza, harmonia, silêncio. Dar grandes passeios pela floresta ou na praia. Entrar em contacto com a natureza alimenta o nosso interior.

A música também eleva a alma. A arte, a beleza põe-nos em contacto com a alma, porque a alma está cheia de beleza, estar também próximo de crianças. As crianças estão muito próximas da alma. Brincar com elas, escutá-las, também nos liga à alma...

Para além de todas estas ferramentas, não podemos esquecer um profundo trabalho de cura interior, além de boas leituras que mantêm a mente num nível superior. Não podemos nutrir a nossa mente apenas com realidades que nos causam agitação emocional, programas de tv, telejornais ...coisas que provocam vibrações muito baixas...É necessário procurar durante o dia coisas positivas que nos inspirem, pessoas que nos alimentem...cuidar do nosso nível vibratório.

Santos durante as 24 horas?

É a **prática de pensamentos e emoções positivos**. Na essência, **libertar-se do espírito de separação e dos três mecanismos primários**: o medo, o desejo e a ânsia de domínio, mecanismos que estão profundamente ancorados no ser humano, porque nos serviram para sobreviver milhões de anos.

E como nos libertamos deles?

Tomando a posição de testemunhas, observando os nossos pensamentos e emoções sem os julgarmos e escolhendo as emoções que nos podem fazer sentir bem. Devemos aprender a confiar na intuição e reconhecer que a verdadeira origem das nossas reacções emocionais não está no que acontece no exterior, mas no nosso interior.

Sim, agora.

Cultive o **silêncio**, contacte com a **natureza**, viva períodos de solidão, **medite, contemple**, cuide do seu ambiente **vibratório**, trabalhe em grupo, viva com simplicidade. E pergunte ao seu coração quando não souber o que fazer.

São coisas simples, mas que nos lembram todos os dias que não somos só cabeça cheia de inquietudes, preocupações e projectos, mas que tenhamos alguma coisa muito tranquila dentro de nós mesmos.

ANEXO II

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE Annie Marquier

Alguns temas a aprofundar e nos quais me vou tornando mais precisa, procurando relacioná-los com a minha perspectiva antropológica.

Antropologia subjacente

O ser humano é capaz das maiores e mais generosas acções de amor, de generosidade, de entrega (partindo da dinâmica da unidade) e, ao mesmo tempo, é capaz de realizar as maiores atrocidades e maldades.

Onde está o segredo de umas e outras atitudes? De onde brotam?

As respostas podem variar muito, dependendo da perspectiva antropológica em que cada um se situe. Eu situo-me na da grande parte da psicologia humanista, Jung (imago Dei), Rogers (tendência para a actualização (no sentido de desenvolvimento – NT) e dos grandes mestres de sabedoria espiritual, dos místicos ... (Níveis do eu)

Dsenvolvendo o fundo último do ser humano: SER

O fundo último do ser humano é Relação, União, religação, Ser, ou o Divino, Espírito, Presença... AM defende este nível como o do Mestre do Coração, a Alma. Pode ser designado de muitas maneiras: Amor-consciência, Presença Amorosa, energia puríssima...

O problema é que é um **nível ao qual não é fácil aceder**, e não só aceder, mas entregar as rédeas da vida (imagem do cocheiro) a essa Presença amorosa, decidir viver em coerência com o que somos Unidade.

As dificuldades são várias:

Por um lado, a realidade de que a esse nível só se tem acesso a partir de um nível superior de consciência (não é a racional); daí, a importância do silêncio mental, para “despertar” esse nível superior. O habitual é movermo-nos num nível inferior ou médio de consciência que está muito condicionado pela nossa história pessoal, familiar, social...

A.M. dá muita importância à análise **desses níveis de consciência** e a descoberta das velhas feridas, as memórias activas das mesmas, falsas ou desajustadas crenças, emoções não libertadas nem sabiamente canalizadas...dificultam-nos entrar em contacto com esse Fundo, aceder ao Ser e, portanto, poder dar-lhe as rédeas da nossa vida, para poder tornar verdade na nossa vida quotidiana o que Somos.

Níveis de consciência e das dinâmicas subjacentes a cada um deles

(Cap.3 do livro de Annie Marquier, *El Maestro del Corazon*).

A primeira afirmação de que parte é que *não é o cérebro que gera a consciência, mas que é o nível de consciência da pessoa que activa os diversos circuitos do cérebro.*

Primeiro circuito: é o circuito do sistema límbico, rápido e seguro que ajudou a humanidade a sobreviver e a adaptar-se ao ambiente. Funciona desta forma: a informação chega directamente ao sistema límbico, em concreto à “amígdala” (um cérebro dentro do cérebro) que analisa a informação, atendendo a **três princípios-chave: o medo, o instinto de reprodução, a protecção do território.**

Objectivo: protegermo-nos, assegurar a sobrevivência

Segundo circuito: o desenvolvimento do neocórtex no processo evolutivo tornou possível que a informação chegasse a esta zona do cérebro e permitisse uma avaliação mais “inteligente” do “ego mental”. O neocórtex percebe a realidade através dos seus critérios de percepção. Isto permite uma percepção “mais objectiva”, mas mais lenta.

Terceiro circuito: híbrido mental-emocional, procedente do desenvolvimento do segundo circuito. A amígdala não deixou de funcionar, continua a ser protectora, mas agora não só defende a pessoa fisicamente como psiquicamente, defende o “ego” do que pode ameaçar a sua “identidade” (papel, função, tarefas, crenças, pensamentos...) tudo aquilo com que o ego se identifica. Este mecanismo funciona da mesma maneira que o mecanismo primitivo, mas agora ampliado à sobrevivência psíquica. Os princípios básicos são: “*gravação e analogia*”. De cada vez que houver uma situação de sofrimento que a pessoa vive como ameaçadora (física ou psiquicamente) é *gravada* a recordação para a proteger, tanto mais quanto mais intenso foi o sofrimento. Além disso, aplica o princípio de analogia, não faz falta que haja uma semelhança evidente, basta que encontre alguma similitude para desencadear a reacção protectora. Se a

amígdala encontrou semelhanças, reage deixando à margem o circuito do neocórtex. E isto acontece continuamente, sem que nos demos conta.

Quase toda a humanidade actual funciona utilizando este circuito híbrido – um pouco de córtex lento e consciente, muito de cérebro límbico rápido, mas inconsciente.

Como funciona actualmente a “gravação” no nosso cérebro, como trata a informação que chega. (amplamente desenvolvido pela autora nos capítulos 4 e 5 do seu livro *A Liberdade de ser*.)

- *O córtex regista os factos sem especial carga emocional, onde se vivem experiências neutras ou agradáveis (que não ameaçam a sobrevivência). Aqui são guardadas as memórias livres.*
- *O cérebro límbico é a sede das “memórias activas” onde é gravado não só o acontecimento mas também a carga emocional que esses acontecimentos transportam consigo. Estas memórias actuam de um modo automático e inconsciente e têm muita força. A intensidade da carga emocional é que faz com que o cérebro límbico se imponha por vezes ao neocórtex. As memórias activas não só dão lugar a certas reacções emocionais, mas também a determinada maneira de pensar. Por isso falamos de uma mente automática (ou mente inferior, como lhe chamávamos em *La Liberdade de ser*) que funciona como um computador pré-programado pelo passado.*

A autora ao estudar como funciona a gravação e a reacção do nosso cérebro, verifica dois factos importantes:

- *A velocidade do tratamento da informação.* O cérebro límbico é capaz de tratar quarenta mil milhões de bits de informação por segundo. (É um sistema para assegurar a sobrevivência). O neocórtex 2 000 bits por segundo. Tem uma informação mais correcta, mas muito mais lenta.
- *O poder de criação,* o neocórtex compensa a sua lentidão com a capacidade para criar de maneira livre e original (o córtex tem poder para poder mudar a programação), a amígdala funciona de uma maneira automática e programada.

O que é que desvia do circuito mais racional e objectivo e da primazia da amígdala? A intensidade da carga emocional não resulta. (A força das memórias activas).

As memórias activas não só dão lugar a certas emoções, como também a **uma maneira de pensar**. A essa maneira de pensar a autora designa por **mente automática ou mente inferior** que funciona como um computador pré-programado pelo passado, respondendo ao princípio de **separação e ao mecanismo de sobrevivência**. Tal como ao longo dos séculos temos construído uns sistemas de defesa que, junto com a carga emocional da amígdala se foram gravando na parte do córtex cerebral. Para autora “**esta é a origem do ego**”.

Apesar do desenvolvimento que tem tido o córtex cerebral, a consciência do ser humano actual funciona, no entanto, segundo os princípios básicos da sobrevivência, que que agora alargado ao campo psicológico. As gravações são mais sofisticadas, mas o **mecanismo é o mesmo**.

Os três P e a transformação dos instintos básicos em instintos psicológicos.

Como disse anteriormente, a separação é um princípio que procede da mente inferior, da dualidade, do funcionamento automático do mecanismo de sobrevivência (o mecanismo dos três P).

A formação do ego actual. Grande parte da população actual vive ao serviço deste triplo mecanismo inconsciente dos três P:

Pânico ou medo em geral: é o elemento fundamental do estado de separabilidade. É o mecanismo básico tanto físico como psicológico. **Temos medo de tudo o que ameace aquilo com que nos identificámos**, o que ameaça a falsa identidade do ego, que procede das memórias antigas o outro inimigo potencial, o que leva ao stress, à agressividade, à desconfiança, ao ódio, ao fanatismo. Agora compreendemos de onde procede este mecanismo...

Prazer

O instinto de reprodução tem vindo a evoluir para se converter na busca desenfreada de prazer. Este instinto básico conduz com frequência à **procura egoísta do prazer** e este mecanismo pode converter-nos em **predadores**, não só materiais como psicológicos. Ao alimento físico juntamos, de modo inconsciente, o alimento psicológico. Por outras palavras, procuramos alimentar-nos energeticamente à custa dos outros. Se estamos agarrados a esta dinâmica, utilizamos os outros psicologicamente de um modo ou outro para satisfazer as nossas próprias necessidades físicas, psicológicas e afectivas programadas no passado. E quando não as satisfazemos, quando não podemos possuí-los com fonte de alimentação, começa a emergir no seio das relações todo o

arsenal de **emoções negativas**: ressentimento, ira, agressividade, ciúme, falta de integridade, inveja, indiferença, desconfiança, manipulação, etc.. Ficamos agarrados nas redes da separação e do sofrimento. Este mecanismo está muito desenvolvido na actualidade. Busca-se sem cessar a gratificação pessoal através dos sentidos para evitar a desagradável sensação que nos causa o vazio interior. Para muitas pessoas, o prazer imediato é o valor supremo, muitas vezes nessa busca se perdem a si mesmas, ficando muito vazias. No entanto, não podemos esquecer que a capacidade de desfrutar da vida é uma faculdade do nosso ser autêntico.

Poder

A protecção do território leva à procura de poder, dominação, manipulação, humilhação, egoísmos a qualquer preço e abuso de poder em todas as suas formas. **A busca egoísta do poder** converte-nos em orgulhosos, vaidosos, cruéis, ciumentos, fanáticos, ódios e todos os sofrimentos que acompanham o abuso do poder. Também gera sensação de impotência, com todas as suas consequências, em particular, a vitimização. Ou tratamos de exercer poder sobre os outros ou então odiamos todos os que exercem poder sobre nós. Mas, atenção, porque este mecanismo pode mostrar-se de formas muito subtis, uma vez que quanto mais desenvolvida estiver a nossa mente, mais activa e perigosa pode ser a busca de poder. Por que é que a maioria dos seres humanos actuais, os mais importantes, inclusive, os que nos governam – e que é pressuposto serem os mais sábios – não luta senão pelo poder?

Os três P

É claro que a inteligência do ser humano se tem desenvolvido, mas para uma parte significativa da humanidade, está ao serviço dos três mecanismos primários, o **pânico** (ou medo, em geral), o **prazer** e o **poder** - a que chamaremos “os três P” – tornando-os mais temíveis devido aos seus possíveis efeitos destruidores. O facto de ter desenvolvido certos aspectos da mente não garante que se dominem os mecanismos primários.

O neocórtex por si só não consegue “dominar” a actividade programada da amígdala; o que muitas vezes faz é reprimir as emoções, mas isso não soluciona o problema, e enquanto esta estiver carregada emocionalmente com memórias activas, não o conseguirá.

É esta a velha dinâmica da separação, a dinâmica do “ego-máquina” que provoca o mundo que temos.

As expressões “matar o ego”, deixar morrer o ego, desprender-se do ego está hoje em muitos livros de auto-ajuda, de espiritualidade.

O que é o ego?

As definições podem ser muito variadas, mas, em geral, o “ego” faz alusão a um conceito de nós próprios com o que temos **identificado** a nossa **personalidade**. O personagem, diria Jung) não a partir do nosso verdadeiro ser, mas de aspectos periféricos de nós mesmos. Uma auto-imagem ou autoconceito, elaborada a partir do princípio da “**separatividade**” e os mecanismos inconscientes de sobrevivência que nos têm sido fundamentais durante milhões de anos.

A elaboração do nosso autoconceito, da nossa personalidade, o ego tem sido fundamental no nosso processo evolutivo, a formação do ego, tal como o desenvolvimento do córtex, foi uma etapa necessária e fundamental que levou o ser humano à autoconsciência. Ao contrário do que se poderia pensar, uma das primeiras tarefas que há a realizar é desenvolver **uma personalidade bem integrada, com um forte ego, bem unificado** (a unificação dos dois níveis - eu superficial-eu profundo). Sem ego (sem autoconsciência, sem autoconceito) não podemos viver.

A evolução do ser humano é a evolução da sua consciência e esta continua a evoluir neste momento histórico. O desenvolvimento do neocórtex dá-nos a capacidade de deixarmos de nos identificar com o funcionamento automático da mente (o funcionamento da mente inferior, o que vimos) ao libertá-lo das memórias activas e aceder a um **nível superior de consciência**.

Annie Marquier distingue muito claramente o “**ego-máquina**” que procede do princípio de **separatividade**” que se corresponde com o **nível inferior** da consciência, do **Eu-Ser** consciência da nossa verdadeira identidade que procede do princípio de **unidade**, e se corresponde com o nível superior da consciência (o da escuta e docilidade ao **Maestro del corazón**).